

EXPEDIENTE

JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Diretor-Executivo: Pr. João Marcos Barreto Soares
Gerente de Missões: Pr. Alexandre Felício Peixoto

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA

Núcleo de Inteligência Missionária

Coordenador: Pr. Daniel da Cruz Moulié Corrêa

EDITORES-EXECUTIVOS

Doutora Analzira Pereira do Nascimento

Doutor Alcir Almeida de Souza

Doutorando Anderson Silva de Araujo

CONSELHO EDITORIAL

Doutora Analzira Pereira do Nascimento, Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTSP, Brasil

Doutor Alcir Almeida de Souza, Seminário Teológico Batista de Queluz - STBQ, Portugal

Doutor Reinaldo Arruda Pereira, Faculdades Batistas do Paraná - FABAPAR, Brasil

Doutor Daniel Clark

Doutor Jonathan Eric Sharp

REVISÃO

Redação, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

FOTOS DA CAPA E PUBLICAÇÃO

Bel Oliveira*

* Pseudônimo, missionária de Missões Mundiais na Ásia.

INSTITUCIONAL

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS GERÊNCIA DE MISSÕES

Rio de Janeiro, Brasil

Rua José Higino, 416 - Prédio 21, Tijuca.

CEP: 20510-412 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: centraldeatendimento@jmm.org.br

www.missoesmundiais.com.br

Contato (21) 2122-1901 / 2730-6800 (cidades com DDD 21)

0800-709-1900 (demais localidades)

SOBRE A REVISTA

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

A Revista de **Reflexão Missionológica**, lançada em 2021, é uma publicação eletrônica semestral, **ISSN: 2764-8885**, produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária - Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

MISSÃO

A **Reflexão Missionológica** tem como missão ser um espaço de reflexão e diálogo que estimule a publicação de textos inéditos em língua portuguesa, fomentando pesquisas interdisciplinares relevantes à *praxis* missionária.

OBJETIVOS

A partir de sua vinculação institucional e confessional, ser um espaço que:

- Evidencie a riqueza da diversidade de pensamento e da reflexão crítica no campo da missiologia e áreas correlatas;
- Divulgue resultados de pesquisas inovadoras e de projetos/ações missionais relevantes com vistas ao enriquecimento do saber missionológico e da *praxis* missionária da igreja;
- Acompanhe e fomente a produção missionológica que se efetua em outros países, assinalando a vocação internacional da revista;
- Registre a produção de conhecimento no contexto missionológico contemporâneo.

SOBRE A REVISTA

PÚBLICO-ALVO

Os conteúdos da revista destinam-se prioritariamente ao público acadêmico, a saber, professores, pesquisadores e estudantes, bem como cristãos interessados na reflexão teológico-missionária.

PERIODICIDADE

A Revista de *Reflexão Missiológica* é uma publicação semestral (janeiro-junho e julho-dezembro) no formato eletrônico ISSN: 2764-8885.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO PELOS PARES

Os textos aceitos pelo Conselho Editorial serão submetidos à avaliação de dois avaliadores *ad hoc*, pelo sistema de avaliação cega (*Double Blind Review*). Os avaliadores terão um prazo de até quatro semanas para emitir decisão favorável, desfavorável ou favorável sob condições de revisão. Fica reservada à Comissão Editorial o direito de solicitar pareceres adicionais. Todo o processo deve ser realizado, normalmente, em um período de dois meses.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público universaliza o conhecimento.

CUSTO DE PROCESSAMENTO E ENVIO DOS ARTIGOS

A submissão de artigos na Revista de *Reflexão Missiológica* é livre e gratuita e não contempla remuneração aos seus autores.

Apresentação

É com grande alegria que apresentamos a nova edição da Revista de Reflexão Missiológica, uma publicação eletrônica semestral produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

Nesta edição, o tema central da Revista de Reflexão Missiológica é **"Igreja como Comunidade Missional"**, propondo-nos a refletir sobre a identidade e a missão da Igreja à luz da Missio Dei.

Como povo de Deus, somos chamados a participar ativamente da missão divina no mundo, sendo um reflexo do Reino de Deus em todas as esferas da vida. A Igreja, como comunidade missional, deve encarnar a missão de Deus não apenas na proclamação e no ensino, mas também no culto, na adoração, na vida comunitária e no serviço ao mundo.

Esta edição reúne artigos que exploram a natureza e os ministérios da Igreja enquanto sinal e instrumento do amor de Deus. Os autores abordam, sob diversas perspectivas, como a Igreja pode ser fiel ao seu chamado missional, levando a esperança e o amor de Deus a todas as áreas da sociedade.

Nosso desejo é que, ao explorar essas páginas, sejamos todos inspirados a viver com mais intensidade nossa vocação missionária, sendo uma igreja que verdadeiramente encarna a missão de Deus no mundo.

Que essa leitura seja edificante e que possamos, como corpo de Cristo, avançar juntos na missão que nos foi confiada por Jesus de ir e fazer discípulos de todas as nações.





Editorial

Me. Anderson Silva de Araujo

IGREJA COMO COMUNIDADE MISSIONAL

É com imensa alegria que lançamos mais um número da Revista Reflexão Missiológica, nessa edição temos como assunto: Igreja como comunidade Missional.

A Igreja no cumprimento do seu chamado de enviar e anunciar o Reino de Deus em todas as esferas da vida. Tem como desafio encarnar a missão Dei na proclamação e ensino, no culto e adoração, através da experiência comunitária e do serviço ao mundo.

Este número reúne artigos que se enquadram nesta diversidade temática acerca da natureza e ministérios da igreja enquanto sinal e instrumento do amor de Deus.

O primeiro artigo, de autoria do Dr. Alcir Souza, nos traz uma reflexão crítica acerca do crescimento da igreja, em diálogo com o pensamento do teólogo e pastor batista porto-riquenho Orlando Enrique Costas. O artigo considera a importância de um saudável crescimento da igreja que deve integrar reflexão, comunhão e participação em detrimento do foco excessivo e exclusivo no crescimento numérico.

Em seguida a professora Mariani Xavier no artigo “O Deus peregrino: Perspectivas Bíblicas sobre Imigração” nos faz refletir como as migrações, conforme abordadas na Palavra de Deus, evidenciam que o movimento humano ao longo da Terra sempre foi uma constante nas Escrituras, sendo descrito em diversas áreas e contextos.

O terceiro artigo de autoria de Jesus Coragem Abel, aborda como a igreja missional entende seu papel ecológico à luz do conceito de Missio Dei.

O artigo busca responder qual o papel da Igreja onde o capitalismo desenfreado levou à exploração excessiva dos recursos naturais e à proliferação de indústrias poluentes, que priorizam a produção em massa de bens e serviços com foco no lucro a qualquer custo.

O quarto artigo de autoria de Tomás Chumbe Messele, discorre a respeito da natureza da igreja na arena pública no contexto africano. O autor destaca uma teologia que é pertinente ao próprio povo. Essa teologia surge das realidades vividas pelos africanos e orienta o envolvimento da igreja na arena pública, levando em consideração os aspectos religiosos, sociais, ambientais, políticos e econômicos.

Fechando os artigos, a Dr. Analzira Nascimento e Jason Castro de Carvalho, trazem um exemplo prático ao abordarem o trabalho exercido pelo Instituto Prá Viver Melhor, um modelo de como a Igreja participa ativamente na obra divina de redenção e reconciliação, não apenas no âmbito social, mas também na restauração integral da humanidade.

Aproveitem a leitura!

Crescimento Integral da Igreja: Por uma eclesiologia missional

Alcir de Souza¹

Resumo

A proposta deste artigo é estabelecer uma reflexão crítica acerca do crescimento da igreja, em diálogo com o pensamento do teólogo e pastor batista porto-riquenho Orlando Enrique Costas (1942-1987). Segundo o Novo Testamento, a igreja de Cristo é o agente que fermenta toda a humanidade com o poder do evangelho. Assim sendo, a igreja cresce com o propósito de comunicar a boa nova e reproduzir-se em comunidades comprometidas com a obra transformadora de Deus. Este crescimento não deve ser um fim em si mesmo, mas o meio que a torna apta a participar em fé de tudo o que Deus fez, faz e fará. Neste sentido, é fundamental acentuar a noção bíblico-teológica de um crescimento integral.

Palavras-Chave: Crescimento Igreja; Orlando Enrique Costa; Eclesiologia Missional.

Abstract

The purpose of this article is to establish a critical reflection on the growth of the church, in dialogue with the thought of the Puerto Rican Baptist theologian and pastor Orlando Enrique Costas (1942-1987). According to the New Testament, the church of Christ is the agent that leavens all of humanity with the power of the gospel. Thus, the church grows with the purpose of communicating the good news and reproducing itself in communities committed to God's transformative work. This growth should not be an end in itself, but a means that enables the church to participate in faith in everything that God has done, is doing, and will do. In this sense, it is essential to emphasize the biblical-theological notion of integral growth.

Keywords: Church Growth; Orlando Enrique Costa; Missional Ecclesiology.

¹ Missionário da Junta de Missões Mundiais da CBB. Casado com Ana Claudia e pai de Lucas e Ana Karis. Serve com sua família em Portugal desde 2013. Possui formação em Teologia, Missiologia e Letras (Literatura brasileira). É docente no Seminário Teológico Batista de Queluz (Lisboa, Portugal).

Introdução²

A questão missiológica que inspira esta reflexão não é simplesmente se Deus necessita ou não da igreja para levar a cabo sua missão, mas sim que o próprio Deus deseja, em sua graça e misericórdia, usar a igreja como instrumento em sua obra de redenção. Neste sentido, o chamado de Deus é um ato de graça, e a missão um privilégio que Deus confere ao seu povo.

Como comunidade divina, que deve ser sinal da manifestação do Reino de Deus e um instrumento na missão do Deus trino, a igreja precisa crescer demonstrando qualidades que reafirmem a sua natureza trinitária.

Orlando Costas³ foi um dos primeiros teólogos protestantes latino-americanos a desenvolver, no início dos anos de 1970, um enfoque autóctone sobre o modelo de pastoral para as igrejas protestantes no continente, principalmente através de suas reflexões acerca do crescimento da igreja, como comunidade trinitária a serviço do reino.⁴

Nesta perspectiva trinitária, não é a mera multiplicação de pessoas que deve estar em foco, mas a expansão do Reino de Deus proclamado pelo evangelho (kerigma), experienciado na comunhão (koinonia) e demonstrado no serviço (diaconia).

² Grande parte deste artigo foi publicado originalmente pelo autor em SOUZA, Alcir Almeida de. Evangelização como ação contextual libertadora. Um estudo teológico pastoral da teologia de Orlando Costas. 2011. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

³ Doutor em teologia pela Universidade Livre de Amsterdã (Holanda), Costas escreveu 15 livros, colaborou com outros 24, e publicou por volta de 140 artigos em aproximadamente 40 revistas ao redor do mundo. Foi palestrante e professor visitante em diversas instituições teológicas ao redor do mundo: nos Estados Unidos, Brite Divinity School of Texas Christian University (Fort Worth, Texas), Fuller Theological Seminary (Pasadena, Califórnia), Reformed Theological Seminary (Jackson, Mississippi), Gordon-Conwell Theological Seminary (Boston, Massachusetts), Union Theological Seminary (Richmond, Virginia); na Inglaterra, Selly Oak Colleges (Birmingham); e em outras nações como Cingapura, República dos Camarões e Hong Kong.

⁴ Apesar de seu curto período de vida (viveu 45 anos), Orlando Costas é considerado como um dos mais lúcidos e articulados teólogos que o protestantismo latino-americano produziu. Sua obra literária é farta, bem como sua militância cristã é reconhecidamente relevante.

1. Qualidades do crescimento da igreja

O testemunho neotestamentário⁵ acerca da ação do Espírito Santo nas comunidades de fé é sempre em direção ao crescimento (Mt 28. 18-19, Jo 20.21-22, At 1.8). Segundo as Escrituras, as igrejas têm neste processo um fenômeno vital, pois não existe vida se não houver crescimento. Por outro lado, se não houver crescimento não há perpetuação de vida, pois é ela que garante a mudança, a renovação, a transformação e a criatividade.⁶

Enquanto comunidade trinitária, a igreja deve crescer em conformidade com sua natureza divina. Como comunidade do Espírito cresce em santidade e comunhão. Como corpo de Cristo cresce em apostolicidade (missão) e unidade. Como povo de Deus cresce em fidelidade ao agir de Deus na história e na celebração de seus feitos. Este imperativo se desprende de um indicativo: o fato de que a igreja, entendida teologicamente, não é nenhum acidente histórico ou produto humano, mas, sim, expressão da vontade do Deus trinitário e fruto da sua obra.⁷

Para Orlando Costas estas qualidades de crescimento revelam-se em três perspectivas diretamente relacionadas ao Deus trino: a *fidelidade* que a igreja deve demonstrar em seu relacionamento com o Deus Pai; a *encarnação* que a relaciona diretamente com o princípio de ação do próprio Jesus Cristo, e; a *espiritualidade* que revela sua dependência e compromisso com a ação do Espírito Santo.

1.1. A ação da igreja e os propósitos de Deus para seu povo.

Uma primeira inferência acerca do crescimento da igreja é que este se dá como resposta à interpelação amorosa de Deus. É Deus mesmo quem toma a iniciativa de ir em direção ao ser humano dispensando graça, manifestando amor, e revelando sua vontade.

⁵ Não é interesse desenvolver aqui uma análise detalhada da rica eclesiologia haurida do Novo Testamento.

⁶ COSTAS, O. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, in STEUERNAGEL, V. (Org.). **A missão da igreja**: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão, 1994, p. 106.

⁷ *Ibid.*, p. 110.

Nesta ação, cria um novo povo saído dos escombros de uma raça humana corrompida pelo pecado tornando-o primícia e paradigma de uma nova criação e cooperador do Deus trino na missão do Reino (2 Co 5:17-21).

Esta reorientação humana e esta reordenação de relações são provocadas pelo próprio Deus. É na resposta obediente e fiel a esse amor revelado que se dá o crescimento da igreja, pois é a partir dele que a comunidade de fé realiza a experiência de sentido, descobre seu lugar na missão de Deus e entende a necessidade de vivenciar a radicalidade deste amor no mundo.

É este amor, que se difunde na ação evangelizadora, que deve ser vivido na comunidade eclesial, aprofundado na reflexão teológica e encarnado no serviço de amor ao próximo.

Costas reforça que não há outra missão a não ser a que se “origina no propósito e na ação de Deus na história. A missão cristã participa desse propósito e dessa ação desde que seu ponto central de referência seja a revelação de Deus em Jesus Cristo, executada no poder do Espírito”.⁸

A ação trinitária se efetiva, portanto, na preparação do caminho pelo Pai ao enviar o Filho, no Filho que responde ao chamado do Pai ao encarnar-se em Jesus de Nazaré e ambos, Pai e Filho, no envio do Espírito.⁹

Esta leitura trinitária, pelo viés da missão, suaviza a distinção clássica entre Trindade imanente e econômica.

Sem tentar diluí-las em uma síntese, é importante ressaltar que o conhecimento da dinâmica da vida interna da trindade se deriva das atividades salvíficas do Pai, do Filho e do Espírito.¹⁰ Desta forma é que se pode discernir a

⁸ Cf. COSTAS, O. **Christ Outside the Gate**, Mission Beyond Christendom. New York, Maryknoll: Orbis Books, 1982, p. 43.

⁹ Cf. MOLTSMANN, J. **A fonte da vida: O Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

¹⁰ O teólogo alemão Karl Rahner asseverava que as duas abordagens da trindade, econômica e imanente, devem estar relacionadas. Esta reciprocidade e identificação se processa na relação dialógica entre a Trindade em si e a manifestação trinitária na história da salvação. Daí a sua crítica às articulações do tratado da trindade que separam a doutrina da experiência de salvação cristã. Neste sentido a identidade entre a trindade imanente e a trindade econômica se relaciona direta e intimamente com a experiência de fé. (Cf. RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé: Introdução ao conceito de Cristianismo**. P. 169).

origem e motivo da missão de Deus na história, a saber, o amor das relações recíprocas de Jesus com o Pai e o Espírito.¹¹

1.2. As marcas de Cristo e o crescimento integral da igreja

A tarefa evangelizadora ganha sentido e impulso alicerçada na ação do Filho em entrar no processo histórico por meio da encarnação e a doação de vida aos que vivem uma experiência de ruptura com Deus. Portanto, a dimensão da encarnação como critério de qualidade de crescimento da igreja está relacionada a maneira como a compaixão de Jesus é um elemento presente no processo de crescimento. A questão que deve ser pensada é “até que ponto a igreja está experimentando um crescimento que reflete a compreensão, o compromisso e a presença de Cristo”¹² no mundo?

Afinal, uma igreja que cresce não somente tem a responsabilidade de anunciar as boas novas de salvação, mas também deve tornar-se referência desta experiência salvífica, testemunhando a libertação operada pelo poder de Deus em todas as dimensões da vida.

O crescimento, portanto, garante a continuidade histórica da igreja de Cristo à medida que reproduz comunidades locais que ouvem e vivem o Evangelho, que assumem a sua identidade como povo de Deus, como família de Cristo e que incorporam a missão libertadora do Reino que se dá no presente.

Mas a igreja corre o risco de, em seu serviço evangelizador, não revelar o evangelho em sua plenitude, como o Reino do Pai no Filho, dinamicamente presente através do Espírito Santo. A impressão que se tem é que, em muitos contextos, Cristo já se divorciou do pai e ambos do Espírito. O evangelho foi separado do anúncio do Reino, a redenção da criação e a salvação da história.¹³

Consequentemente, o testemunho evangélico pode estar limitado a uma esfera de privatização, em que a proclamação do evangelho, de modo geral, não tem sido adequadamente validada pelos sinais históricos do Reino de Deus.

¹¹ Cf. COSTAS, O. **A Vida no Espírito**, Traduzido por Emil Sobottka. Boletim Teológico. Ano 3. Nº 10. FTL Setor Brasil. Dezembro de 1989, p. 76.

¹² COSTAS, 1994, p. 100.

¹³ COSTAS, O. **Evangelism in Latin American Context**. Latin American Pastoral Issues (LAPI), ano XVI, no. 1, 1989, p. 12.

Em outras palavras, igrejas que não tem assumido uma práxis solidária capaz de revelar as marcas da cruz.

1.3. A presença e a operação do espírito no crescimento da igreja

A dimensão da espiritualidade diz respeito à presença e a operação dinâmica do Espírito Santo no crescimento da igreja. A questão a ser refletida é se o crescimento responde a atuação do Espírito e reproduz seus frutos.¹⁴

É a *dynamis* do Espírito o fator desencadeador da comunidade de fé. O livro de Atos dos Apóstolos, por exemplo, demonstra que os cristãos daquela geração não viviam em desvantagem em relação aos cristãos que conviveram com Jesus de Nazaré. Se os primeiros discípulos desfrutaram da presença física do Mestre, a geração seguinte pode experimentar a presença do Cristo ressurreto, através do Espírito Santo, que estava com eles em todo tempo. Era na força do Espírito, revelada na Palavra e vivenciada na *koinonia*, que a comunidade de Jesus poderia realizar os mesmos sinais e maravilhas que ele próprio realizou.

O evento do Pentecostes (At 2) se torna paradigmático para a ação evangelizadora da igreja, pois revela que a mensagem do evangelho, alicerçada na pessoa de Jesus Cristo e dinamizada pelo Espírito, deve revelar as maravilhas de Deus e sinalizar para o caráter universal da mensagem libertadora do evangelho.¹⁵

A igreja que se consolida no Pentecostes é uma igreja missionária, pois a ação do Espírito os capacita a cumprir um propósito que transcende a comunidade de Jerusalém: uma comunidade que confesse Jesus Cristo como Senhor da história e que viva à luz desta confissão.¹⁶

Estes aspectos ressaltam que a superação de um equívoco teológico que tem gerado graves consequências para o cristianismo está na afirmação de que a ação reconciliadora do Espírito Santo tem sua realização na realidade concreta da

¹⁴ COSTAS, 1994, p. 112.

¹⁵ Segundo Carlos Roberti “a força – *dynamis* - do Espírito Santo, dada aos discípulos, não é mediada por instituições, nem pela capacidade das pessoas, mas é uma força gratuita incontrolável, que dá ânimo e coragem frente ao poder estabelecido e capacita as pessoas a enfrentar e a transformar” (Cf. ROBERTI, C. O Espírito Santo na Obra de Lucas. Revista Estudos Bíblicos 45 – O Espírito Santo - Formador de Comunidades. Rio de Janeiro: Vozes, p. 57).

¹⁶ PADILLA, R. **Discipulado y Misión**. Compromiso con el Reino de Dios. Buenos Aires: Kairós, 1997, p. 85.

vida humana, e não se limita a uma experiência individualista, intimista, dissociada da realidade. O *locus* da espiritualidade é a história.

2. Dimensões do crescimento da igreja

Com base nas qualidades da igreja enquanto comunidade trinitária, Costas indica que só é possível analisar o crescimento em uma perspectiva pluridimensional.

Pelo fato de ser a Igreja uma comunidade a caminho, em direção ao reino de Deus, atenta à Palavra de Deus, que vive na comunhão de seus membros e está a serviço da humanidade, seu crescimento deve apontar para quatro direções: a reprodução de seus membros, o desenvolvimento de sua vida orgânica, o aprofundamento na reflexão da fé e o serviço eficaz no mundo.¹⁷

Mais uma vez o foco da reflexão está na superação das deformações bíblico-teológicas presentes na práxis cristã no que se refere ao crescimento da igreja. O que Orlando Costas propõe é um crescimento integral que perpassa as seguintes dimensões: o numérico, resultante da transmissão da fé; o orgânico, relacionado às questões de cultura e contextualização, formação e mordomia, comunhão e celebração; o conceitual, que determina o grau de consciência que a comunidade tem com respeito a sua existência e razão de ser, sua compreensão do mundo que a rodeia; e o diaconal, relacionado ao serviço que a igreja deve realizar no mundo.

2.1. A expansão quantitativa de uma comunidade que vive para os outros

Como já foi dito acima, existe uma quase obsessão de alguns segmentos da igreja cristã em relação ao crescimento numérico.

¹⁷ COSTAS, 1994, p. 113.

Aliado a este aspecto está a singularização da experiência de conversão, sempre aut centrada e individualista, que transforma a conversão em um meio, pois o que está em jogo são as estatísticas de crescimento institucional e não as pessoas.

Mas não se pode deixar de lado que a expansão em termos numéricos é uma das constatações da fidelidade da igreja a sua razão de ser. A fé cristã tem projeção universal, não sendo, portanto, uma fé particularista ou provinciana.

“Por crescimento numérico entende-se a reprodução que o povo de Deus experimenta ao proclamar o Evangelho”.¹⁸ Sendo assim, esta é uma parte importante da missão da igreja como comunidade apostólica, ou seja, sua condição de enviada, de missionária. E como tal, a igreja necessita experimentar um contínuo processo de reprodução a fim de realizar com êxito a tarefa que recebeu do próprio Jesus Cristo.

É possível afirmar, portanto, que, a partir de uma dimensão fundamental de sua natureza, a igreja tem o compromisso e a responsabilidade em relação ao anúncio do Evangelho a todo o mundo. Como povo em marcha, a igreja não alcançará a sua meta a menos que toda humanidade tenha tido a oportunidade de ouvir e responder a interpelação do Evangelho.

E esta tarefa se resume a semear a mensagem libertadora de Deus na “vida e conflitos pessoais de multidões de homens e mulheres que vivem alienadas de Deus, de si mesmos e do seu próximo, sem amor, paz e esperança, na necessidade de reconciliação e incorporação ao povo que Deus está formando em toda parte”.¹⁹

Assim, a igreja necessita permanentemente de novos tecidos para se manter viva. Mas a igreja não revela um crescimento saudável simplesmente porque o número de fiéis aumenta.

¹⁸ Ibid, p. 113.

¹⁹ COSTAS, O. *La iglesia y su mision evangelizadora*, Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1971, p. 105.

2.2. O crescimento orgânico e a funcionalidade da comunidade eclesial

Por crescimento orgânico entende-se o desenvolvimento interno da comunidade de fé.

Como um organismo vital, a igreja não pode contentar-se apenas com a reprodução de suas células, mas também com o bom funcionamento de todas as partes em sua vida cotidiana. Estas têm de ser nutridas, cuidadas, estimuladas e bem coordenadas para que o corpo possa funcionar adequadamente, para que o labor reprodutivo não seja desperdiçado e para que a meta final seja alcançada.²⁰

Na linguagem paulina esta tarefa se realiza com o objetivo de “preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4.12,13).

Ainda de acordo com Costas,

A dimensão orgânica (...) nos confronta com a necessidade de que a Igreja (local) seja uma comunidade autóctone, crioula, que forma seus membros, administra seu tempo, talentos e recursos, fomenta a comunhão dos fiéis entre si e com seu Deus e celebra sua fé em uma linguagem popular, incorporando criticamente seus símbolos, criações e valores, identificando-se com sua situação histórica e social.²¹

Portanto, se o numérico focaliza o crescimento extensivo, o orgânico avalia a intensidade do crescimento da comunidade de fé nas diversas ações eclesiais e na vida cultural e comunitária.

O crescimento orgânico de uma comunidade revela que esta cresce em unidade, comunhão e mutualidade; que aprende o valor da celebração, da comensalidade e da oração comunitária; que se torna um lugar de ensino e diálogo; que é um espaço onde cada membro tem participação ativa de acordo com seus respectivos dons e talentos.

²⁰ Id., 1994, p. 113. O teólogo indiano Valson Thampu descreve esta relação de uma forma mais sistematizada: 1) O todo é mais do que a soma das partes; 2) O todo determina a natureza das partes; 3) As partes não podem ser compreendidas isoladas do seu todo; e 4) As partes de todo orgânico estão inter-relacionadas dinamicamente ou são interdependentes. (Cf. THAMPU, V. **Rediscovering Mission: Towards a non-western missiological paradigm**. Nova Delhi: TRCI, 1995, p. 4).

²¹ COSTAS, 1994, p. 114.

Mas para que isso aconteça sua liderança deve ser constituída por agentes de mobilização capacitados e dispostos a edificar o corpo e a estimular cada membro desta comunidade a atualizar a fé no contexto de seus dons e responsabilidades e a luz da missão da igreja.²²

2.3. O crescimento conceitual e a inteligência da fé

Esta dimensão também pode ser denominada de crescimento reflexivo. Refere-se à expansão da igreja na inteligência da fé, ou seja, “o grau de consciência que a comunidade eclesial tem a respeito de sua existência e a razão de ser, sua compreensão da fé cristã, seu conhecimento da fonte desta fé”.²³

O crescimento conceitual tem a ver, portanto, com o discernimento que a comunidade de fé tem em relação a sua natureza trinitária, que inclui a sua compreensão das Escrituras e do desenvolvimento histórico da doutrina cristã, em relação ao seu lugar na sociedade e o papel que deve desempenhar no mundo. É através deste autoconhecimento que a igreja adquire convicção para superar os desvios e as falsas doutrinas, se investe de consciência crítica para evitar o risco do engessamento e fossilização e garante a permanência da criatividade, da coerência e da ética em todas as suas ações.

Assim, o crescimento reflexivo não deve ser relegado a um plano secundário na vida eclesial, desconectado de sua missão, bem como não pode ser compreendido como privilégio de uma “elite” clerical ou profissional (teólogos). Toda a igreja é chamada a crescer no conhecimento da fé.

Diante disso, em total fidelidade às Escrituras, a igreja precisa desenvolver um paradigma integrador, manter-se atenta ao risco de perder a sua relevância e ter a consciência da necessidade de “pensar crítica e reverentemente sobre a fé, ao calor da Palavra e da oração; de avaliar honesta e conscientemente, à luz da fé e da realidade concreta, as imagens que forja de si mesma, de sua missão e do mundo”.²⁴

²² COSTAS, O. *Compromisso y Misión*, Miami: Editorial Caribe, 1979, p. 99.

²³ Id., 1994, p. 114.

²⁴ Ibid, p. 114.

Em sua obra *La Expansión Espontánea de la Iglesia*, Roland Allen acentua alguns aspectos que podem se tornar empecilhos para que haja um crescimento conceitual da igreja. Por exercer, enquanto organização, uma fascinação sobre homens e mulheres a comunidade cristã tende a ser vista como um fim em si mesmo, e conseqüentemente passa a ser valorizada por virtudes que não lhe pertencem. Assim, a igreja tende a crescer em importância até que seu sentido último deixa de ser a prioridade.

Além disso, o amor que os membros devotam à organização os leva a se acomodar de tal maneira que toda dinâmica interna corre o risco de ser realizada de forma mecânica e acrítica. Conseqüentemente, surge a “tentação” de se atribuir à organização resultados que não lhe correspondem de fato.

Se o nosso labor é a propagação da vida, se é levar os homens ao conhecimento de Cristo, que é vida, e quem dá vida aos homens, a continuidade da obra não pode depender de uma fonte que não pode dar vida, mas somente estar a seu serviço; e não pode considerar que esta depende dela, a não ser que os que assim pensam estejam permitindo que, consciente ou inconscientemente, que a organização tome o lugar de Cristo.²⁵

Portanto, o crescimento reflexivo é o que torna possível compreender a disparidade que existe entre o êxito meramente quantitativo e a transformação pessoal e social que o Evangelho do Reino exige e viabiliza.

2.4. O crescimento encarnacional e o serviço ao mundo

O crescimento diaconal ou encarnacional significa a intensidade do serviço da igreja no mundo, como testemunho concreto de seu compromisso com o amor-serviço herdado de Jesus Cristo. A igreja convocada por Deus, enviada por Jesus Cristo e dinamizada pelo Espírito Santo é desafiada a viver historicamente esta experiência trinitária, estando fundamentalmente a serviço do ministério da reconciliação.

²⁵ Cf. ALLEN, R. *La Expansión Espontánea de La Iglesia*. Buenos Aires: La Aurora, 1970, pp 141-148. Neste específico, sua argumentação gira em torno das organizações missionárias, mas podemos facilmente relacioná-la a Igreja como um todo.

Deste modo, essa dimensão envolve o impacto que o ministério reconciliador da igreja exerce sobre o mundo, o seu grau de participação na vida, conflitos, temores e esperanças da sociedade e a intensidade e qualidade com as quais seu serviço ajuda a aliviar a dor humana e a transformar as condições sociais que têm condenado milhões de homens, mulheres e crianças à pobreza. Sem essa dimensão, a igreja perde sua autenticidade e credibilidade, pois somente na medida em que consegue dar visibilidade e concretude à sua vocação de amor e serviço, pode esperar ser ouvida e respeitada.²⁶

Neste sentido, cada necessidade humana se torna uma oportunidade de serviço. E cada forma de serviço se constitui num meio através do qual o amor de Deus se torna concreto. Todo serviço prestado pela igreja é um sinal do Reino de Deus que se fez história em Jesus Cristo.

Sem um crescimento que reflita a participação da igreja nas lutas e dramas pessoais e coletivos da sociedade, a tarefa evangelizadora, o desenvolvimento orgânico e a capacidade reflexiva se tornam ações inócuas e reducionistas. Um crescimento saudável pressupõe a existência de comunidades locais que encarnem o amor, a justiça e a paz do Reino de Deus, que assim como Jesus vivam orientadas para o serviço e para a glória de Deus, que sejam compostas de cristãos que encarnem uma presença ativa e transformadora na sociedade.

Como afirmado anteriormente, a igreja não pode ser vista como fim em si mesmo, minimizando ou ignorando o fato que ela está a serviço do Reino e, por conseguinte, da missão que anuncia a vinda deste Reino. Esse é o paradigma da modernidade que começou a ser superado com a proposição da *missio Dei*.

A ênfase está na percepção que Deus age de forma concreta no mundo e usa a igreja, mas sua missão eterna não está limitada a nenhum lugar, pessoa ou instituição. O povo de Deus deve viver em permanente peregrinação, saindo de si e seguindo em direção aos outros.

Deste modo, a igreja cresce de maneira saudável quando é capaz de entender quem ela é (sua identidade) e para que foi chamada (sua vocação).

²⁶ COSTAS, 1994, p. 113.

Pode-se dizer que a igreja cresce integralmente quando recebe novos membros, se expande internamente, aprofunda seus conhecimentos da fé e serve ao mundo. Porém ela cresce qualitativamente quando em cada dimensão ela reflete espiritualidade, encarnação e fidelidade. O crescimento numérico, por si só, converte-se em obesidade, o orgânico em burocracia, o conceptual em abstração teórica e o diaconal em ativismo social. As quatro dimensões carecem de integridade teológica se não forem motivadas e preenchidas pela presença do Espírito, se não brotarem da encarnação eficaz do corpo de Cristo nas angústias e dores da humanidade e se não se mostrarem fiéis aos seus desígnios e ações de Deus na história do mundo em geral e do seu povo em particular.²⁷

Conclusão

Como o propósito desta breve reflexão é considerar a importância de um saudável crescimento da igreja, a primeira constatação a que se pode chegar é que este crescimento deve integrar reflexão, comunhão e participação.

O crescimento numérico tem sua relevância ao garantir a vitalidade e expansão da igreja em missão. O crescimento orgânico sinaliza que a celebração litúrgica, a organização interna, a mordomia de dons e talentos e a capacitação dos crentes são parte essencial e indispensável desta missão. A evidência e o objetivo do crescimento conceitual se encontram no engajamento de todos os cristãos na missão da igreja. E, por fim, o crescimento diaconal reflete uma comunidade consciente de sua responsabilidade de refletir a presença e relevância do Reino de Deus na experiência comunitária de fé e no amor-serviço ao mundo.

Somente um desenvolvimento holístico é capaz de superar as mutilações do conceito bíblico de missão, as deformações que têm marcado o crescimento da igreja e a ideologia de cristandade que ainda ecoa em muitos ambientes eclesiais.

Na práxis cristã, a principal distorção que tem marcado a igreja é o foco excessivo e exclusivo no crescimento numérico.

²⁷ Ibid., p. 115.

A tirania das estatísticas viola o princípio fundamental da natureza e missão da igreja, bem como impõe uma agenda alienante ao serviço evangelizador, que se limita a uma perspectiva reducionista da experiência de fé.

Outro produto de um crescimento deformado é a redução do serviço evangelizador a uma perspectiva institucionalizada. Com vistas a uma expansão numérica, os ideais que permeiam a ação evangelizadora são homogeneizados e, por outro lado, podem estar centrados na satisfação humana e na realização individual como produtos no mercado religioso pós-moderno.

A expansão cristã que se faz relevante e verdadeiramente bíblica se realizará na medida em que olhar as pessoas com o olhar de compaixão com que Jesus percebia as pessoas de seu tempo: “aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9.36). Sem a compaixão de Jesus, no centro da vida e missão da igreja, não há como não confundir “evangelização com proselitismo, a experiência cristã com a adesão religiosa, a coesão de grupos racistas, classistas, etc. com a unidade da Igreja, a edificação da igreja com a construção de grandes e luxuosos templos, a comunhão com o sectarismo a expansão do reino com o crescimento da igreja”.²⁸

Em sua jornada, as comunidades de fé são encorajadas pela Palavra de Deus a manter a atualização de seus projetos e ações, a interagir com maturidade e discernimento com a realidade ao seu redor e a experimentar a permanente novidade da ação do Espírito. Mas não se pode levar em conta esta dinâmica, sem considerar os riscos que envolvem muitos esforços de “costurar remendo novo em vestido antigo”.

²⁸ PADILLA, R. **Discipulado y Misión: compromiso con el reino de Dios**. 2. ed. Buenos Aires: Kairós, 1997, pp. 97-98.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Ronald. **La Expansión Espontánea de La Iglesia**. Buenos Aires: La Aurora, 1970.

COSTAS, Orlando. **La iglesia y su mision evangelizadora**, Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1971.

_____. **Compromisso y Misión**, Miami: Editorial Caribe, 1979.

_____. **Christ Outside the Gate**. Mission Beyond Christendom. New York, Maryknoll: Orbis Books, 1982.

_____. **A Vida no Espírito**, Traduzido por Emil Sobottka. Boletim Teológico. Ano 3. No. 10. FTL Setor Brasil. dezembro de 1989a.

_____. **Evangelism in Latin American Context**. Latin American Pastoral Issues (LAPI), ano XVI, no. 1, 1989b.

_____. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, in STEUERNAGEL, V. (Org). **A missão da igreja: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio**. Belo Horizonte: Missão, 1994.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: O Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

PADILLA, Renée. **Discipulado y Misión**. Compromiso con el Reino de Dios. Buenos Aires: Kairós, 1997.

RAHNER, Karl. **Curso Fundamental da Fé: Introdução ao conceito de Cristianismo**. P. 169).

ROBERTI, Carlos. **O Espírito Santo na Obra de Lucas**. Revista Estudos Bíblicos 45 – O Espírito Santo - Formador de Comunidades. Rio de Janeiro: Vozes.

SOUZA, Alcir Almeida de. **Evangelização como ação contextual libertadora**. Um estudo teológico pastoral da teologia de Orlando Costas. 2011. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

THAMPU, V. **Rediscovering Mission: Towards a non-western missiological paradigm**. Nova Delhi: TRCI, 1995.

O Deus peregrino: Perspectivas **Bíblicas** sobre Imigração¹
Mariani Xavier

Resumo

Este artigo tem como objetivo observar e analisar as migrações a partir da Palavra de Deus, reconhecendo como o movimento humano na terra sempre esteve presente nas Escrituras e foi descrito a partir de diferentes áreas e situações. Neste movimento, o próprio Deus se manifestou como o Deus que caminha com o seu povo, que convida todos os povos a conhecê-lo e a desfrutar de um relacionamento pessoal com ele. Ao mesmo tempo, Deus também se importa e revela seu amor e cuidado com os estrangeiros que estabelecem. a lei e a proteção para todos os estrangeiros que viviam com o povo de Israel. Assim, podemos ver como sob diferentes perspectivas as Escrituras nos mostram o olhar de Deus para com os estrangeiros, estrangeiros ou imigrantes, nunca fazendo acepção de pessoas, mas convocando todas as nações (ethnias) para uma celebração conjunta.

Palavras-Chave: migração; estrangeiros; missão integral; nações; hermenêutica bíblica

Abstract

The present article aims to observe and analyze migrations from the Word of God, recognizing how the human movement on earth has always been present in the Scriptures and was described from different environments and situations. In this movement, God himself has manifested himself the God who walks with his people, who invites all peoples to know him and to enjoy personal relationship with him. At the same time, God is also concerned and reveals his love and care for the strangers by establishing the law and protection for all foreigners who lived with the people of Israel. Thus, we can see how from different perspectives the Scriptures show us God's gaze towards strangers, foreigner, or immigrants, never being a respecter of persons but calling all nations (ethnicities) for a joint celebration.

Mariani Xavier é Directora de la Agencia de Envio Misionero de la Iglesia de Dios en Brasil. Profesora en el Centro transcultural de Misiones en São Paulo – Brasil. Directora de la Agencia de Enlace Misionero de la Iglesia de Dios de Latinoamérica. <https://orcid.org/0009-0002-4522-8052>.

¹ NOTA DO EDITOR: Diversas edições desse capítulo tem sido traduzidas em diferentes idiomas. Ele foi traduzido em espanhol como: *Perspectivas Bíblicas de la Inmigración*, publicado em 2023 na compilação *Desafios para la fe en un contexto de desarraigo*, páginas 10-28. Assim mesmo, recebeu uma tradução ao inglês como *Biblical Insights of immigration*, e foi publicado no *Journal of latin american theology: Christian reflections from the latino south*, volume 19, número 1, *compilado* por Lindy Scott em 2024.

Revista de Reflexão Missiológica, Volume 4, Número 1, jan-jun, 2024, ISSN-2764-8885.

Keywords: Immigration; foreigners; holistic mission; nations; biblical hermeneutic.

Introdução

Acredito que uma das coisas fundamentais nos processos de transformação de realidades na vida de qualquer grupo migrante, é poder ver a Deus, o Criador de toda a Terra, envolvido na história de vida deles. É muito importante que os imigrantes possam identificar-se com os relatos das Escrituras e com as ações do próprio Deus na história da humanidade, a qual tem vivido sempre em constante movimento.

Antes de continuar, devo deixar claro que quando uso a palavra imigrante no presente texto, não pretendo rotular, circunscrever ou limitar nenhum ser humano, simplesmente estou referindo-me àqueles que estão num processo de movimento e transição cultural.

Do mesmo modo, é preciso dizer que em vista da sua vulnerabilidade nos países de destino, os imigrantes aos quais demos especial atenção no livro “Los hijos del otro lado” Imigração e cidadania à luz das Escrituras², do qual este texto compõe o terceiro capítulo, são aqueles que por necessidade ou questões de sobrevivência, têm saído em busca de melhores condições de vida, embora nem sempre as alcançaram. Com isso em mente, prossigamos àquilo que a Bíblia tem a nos dizer sobre o fenômeno migratório, seus atores e o papel de Deus nisso tudo.

Base bíblico-teológica

Em primeiro lugar, é urgente reconhecer que, independentemente da sua procedência e da sua situação atual, toda pessoa é uma obra criada por Deus e faz parte da grande família chamada Humanidade (Campese, 2008, p. 19), pelo que merece dignidade e respeito.

² DE SOUZA, CHAVEZ, M. “Los hijos del otro lado” Inmigración y ciudadanía a la luz de las Escrituras. 1. ed. São Paulo, Brasil, 2024.

Ainda que muitas vezes não tenhamos consciência disso, este entendimento definitivamente deveria ter implicações profundas para todos nós como seres humanos. Em palavras de Ares (2016, p.75), esta definição de ser humano está na base da compreensão sobre a própria humanidade (Gêneses 1, 26-27; 5, 1-3; 9, 6; 1 Coríntios 11, 7). No caso das pessoas que estão no contexto migratório não é diferente.

Rodas (2009, p. 60) faz uma afirmação muito interessante ao dizer que o próprio fato de ter sido criados à imagem e semelhança de Deus, deveria propiciar em nós “uma perspectiva mais otimista em relação a eles (os imigrantes), no que tange à sua dimensão humana e àquilo que eles podem contribuir ou acrescentar ao novo contexto e ao bem comum” (*Tradução nossa*)³.

O meu desejo ao expor essa perspectiva bíblica, é começarmos a “humanizar” o migrante, o qual muitas vezes é visto como uma ameaça na sociedade receptora.

Essa “humanização” está relacionada ao fato de vê-lo com o olhar do seu Criador, com os olhos do próprio Cristo, daquele que se fez humano e peregrino, para caminhar com e entre nós. Para Rodas (*ibid.*, p. 56), essa deve ser a “maior convicção elementar para os cristãos quando se deparam com os desafios da migração hoje”.

A fé nessas afirmações, em palavras de León (2010, p.166), deve ser uma espécie de hipótese científica para o cristão, pois “nenhuma etiqueta ou definição aplicada às pessoas migrantes, se compara à dignidade de serem à imagem de Deus” (Ares, p. 75).

Essa base é fundamental, não somente para a compreensão de quem somos como indivíduos, mas também é de altíssima importância na aproximação do migrante para a Palavra de Deus. Tal como afirma Nóbrega:

Todo ser humano, por mais que a imagem de Deus (que há nele) esteja maculada pelo pecado, pela enfermidade, pela debilidade, pela velhice ou por qualquer outra coisa, ainda assim ele traz em si mesmo a condição de

³ Todas as citações desse capítulo que estão em idiomas diferentes ao português têm tradução nossa. Contudo, assim como o presente capítulo, nem todas as citações foram traduzidas de maneira totalmente literal, a fim de manter e transmitir ao leitor o sentido original de cada frase, conforme a interpretação do autor e do tradutor.

ser à imagem de Deus, e portanto, necessita ser tratado com dignidade e respeito (2009, p. 118).

Existem muitos fatores que fazem com que o imigrante se sinta inferior, ou com pouco valor dentro da cultura receptora, como o baixo nível de escolaridade, a falta de fluência no idioma local, o desconhecimento dos códigos de conduta ou das leis do país, etc.

Porém, Rodas (*ibid.*, p. 60) ressalta que só o fato de “reconhecer-se como à imagem de Deus, pode mudar a sua percepção de si mesmo e do seu lugar na Terra, ou seja, pode lhe dar uma perspectiva otimista sobre si mesmo em todos os sentidos”.

Com base nisso, acredito que olhar-se no espelho da Palavra de Deus, pode ser algo surpreendente e totalmente transformador para todas aquelas pessoas que têm estado vivendo no desarraigo territorial. Mas para isso acontecer, é necessário também olhar a maneira como a Bíblia aborda o tema do estrangeiro.

Essa tarefa representa um grande desafio, uma vez que, como veremos a seguir, trata-se de um tema igualmente transversal dentro das Escrituras. Contudo, me atrevo a dizer que em todas as questões teológicas anteriores e posteriores à teologia bíblica, e outras teologias, o tema do estrangeiro sempre tem estado muito presente e essa tendência continua crescendo.

De fato, como afirmam Campese e Rigoni, já faz alguns anos que teólogos e estudiosos vêm tratando as “migrações como um lugar teológico” ou “um lugar de encontro e revelação de Deus” (2003, p.196).

Quando observo como a Bíblia trata aos estrangeiros que moravam em meio ao Povo de Deus, entendo que Ele sempre tem trabalhado, não para acentuar ou marcar ainda mais as diferenças entre os seres humanos, mas para evidenciar que, no final das contas, todos somos parte da sua obra criada. Para Ele, todos estamos nivelados pelo seu amor criador, inclusive, no que se refere à ocupação da Terra que Ele também criou.

E muito interessante, e ao mesmo tempo atraente, ver tudo o que a Bíblia fala sobre os estrangeiros, chamados também de peregrinos e forasteiros. Campese, citando a Crüseman, afirma:

A Bíblia, desde a migração de Abraão (...) até o menino que nasceu numa manjedoura, é nas suas linhas principais, a história do ser humano, que se coloca a caminho (de outros lugares), que sai do seu país em busca de pão, terra e proteção, que anda de um lado para o outro, e que finalmente regressa (Crüseman *apud* Campese, 2008, p. 13).

A Bíblia não é apenas uma narrativa que aborda constantemente o processo das migrações. De fato, “alguns teólogos sustentam que a migração é fundamental para entender a condição humana, a prática religiosa e a identidade cristã” (Ares, *Ibid.*, p. 6), já que nos apresenta a nossa própria condição de seres criados por Deus e em constante movimento pela Terra criada. Do mesmo modo, “a própria vida cristã é uma constante peregrinação em direção à meta de completar a nossa condição humana, segundo o modelo de Jesus” (León, *Ibid.* p. 68).

Ainda que muitos acreditem que as migrações são algo próprio dos últimos séculos, ou do processo atual de globalização, a verdade é que a Bíblia é um livro cheio de narrativas sobre o movimento constante dos seres humanos pela Terra. Deslocamentos que se deram por diferentes motivos como fome, secas, guerras, disputas territoriais e muitas outras situações semelhantes. Porém, em tudo isso, sempre esteve presente o movimento do próprio Criador, com e através da sua obra criada.

De fato, a Bíblia é a história do Deus que se move com o seu povo criado, numa constante caminhada temporal da que todos nós, como seres criados, somos participantes. Ela narra a peregrinação do povo de Deus enquanto espera a redenção de todas as coisas criadas.

Tendo em conta que se trata de um tema muito amplo para ser investigado e trabalhado, a seguir abordaremos desde diferentes perspectivas. Faço isso com plena consciência da limitação da minha observação e sem pretender de forma alguma que sejam princípios definitivos ou únicos.

Pelo contrário, reconheço que tem muito material disponível sobre o tema, tanto nas Escrituras como nas diferentes pesquisas feitas por especialistas da área, teólogos, biblistas, missiólogos, etc.

Escolhi essa alternativa de perspectivas com o objetivo de que o leitor possa ver, não só a transversalidade das migrações na Bíblia, mas também, a maneira como através de diferentes textos, Deus nos guia à compreensão da nossa própria condição de forasteiros nesse mundo.

Igualmente, veremos também como Deus se relaciona com o estrangeiro num processo de identificação e de modelo para sua missão. Acredito que isso permitirá termos um panorama amplo do movimento migratório em todos os séculos da história bíblica.

Perspectivas bíblicas sobre imigração

1. Deus identifica-se como “o Deus peregrino”.

Desde o princípio Deus esteve perto da sua criação, e é possível constatar esse fato em toda a Escritura Sagrada. Mas não somente tem estado perto. Ele mesmo é um Deus que caminha com o seu povo em peregrinação. Esteve com José quando estava no seu exílio forçado, e como vemos no relato bíblico, também esteve com ele em todo o tempo da sua peregrinação. Tanto no trajeto até o Egito como na sua estada como estrangeiro nesse país, a história nos mostra que José teve consciência da presença de Deus em todo tempo. Ele mesmo deixa isso claro ao dizer aos seus irmãos: “Deus me enviou adiante de vós” (Gênesis 45:4,7).

O livro de Êxodo também apresenta um Deus que caminha com o seu povo em cada situação, de dia e de noite. De acordo com o registro de Moisés: “E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem **para os guiar** pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo **para os iluminar**, para que caminhassem de dia e de noite” (Êxodo 13: 17-22) e não se afastava deles em momento algum.

Como vemos, o Senhor não só caminha com o seu povo, mas simultaneamente se revela a eles como o seu único Deus, como aquele que caminha do seu lado durante a sua libertação, e no seu estabelecimento na nova terra.

Elsa Tamez faz um comentário muito apropriado a respeito desse texto, dizendo que certamente “a trajetória da imigração é longa e perigosa (Êxodo 15-18); atravessa o deserto, mas o texto ressalta a presença do Deus Jeová que torna-se migrante com o migrante” (2016, p. 3).

Um dos modelos que mais me impacta e surpreende é o do próprio Cristo, que como Filho de Deus escolheu a forma de estrangeiro para se apresentar ao mundo. Ele identifica-se a si mesmo como migrante (forasteiro) em Mateus 25.31, 46 ao dizer: “fui estrangeiro, e vocês me acolheram”, então lhe perguntaram “Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos?” e Ele respondeu: “Digo a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”.

Veja bem como o próprio Jesus explica que ao ver o estrangeiro com um olhar de amor, compaixão, cuidado e solidariedade, encontramos a Ele mesmo em cada uma dessas pessoas. O modelo de Cristo é aquele do migrante, que não tem onde repousar, sem segurança, completamente vulnerável e dependente dos outros.

Contudo, ao mesmo tempo que se encarna como estrangeiro, também deixa um desafio aos seus seguidores, como se quisesse lembrá-los de que não devem discriminar ou maltratar aos estrangeiros, mas tratá-los como se fossem Ele mesmo.

Essa é uma palavra de confronto absoluto para as nossas comunidades cristãs, que muitas das vezes estão isoladas das realidades do contexto contemporâneo.

É um excelente exercício tirar um tempo para refletir no fato de que o Deus triuno se fez carne e veio a habitar entre nós (João 1:14). Sendo ainda um bebê, podemos ver ao Cristo fugindo às pressas com a sua família no meio da noite e sendo levado para uma terra estranha, na qual ele e sua família viveriam os próximos anos como estrangeiros (Mateus 2:13;14). Toda a sua história evidencia o seu rosto de imigrante, a sua condição de vulnerabilidade como forasteiro no mundo.

Certamente, se olhássemos para o rosto de cada estrangeiro (migrado, refugiado, exilado) e víssemos nele ao Cristo forasteiro, isto por si só já provocaria em nós uma mudança radical na maneira como nos aproximamos do migrante. Por isso é de vital importância, superar primeiramente em nós mesmos os nossos próprios preconceitos, o nosso etnocentrismo e racismo.

Sentimentos que às vezes se encontram tão enraizados dentro de nós, que não somos cientes deles, mas que ainda assim, podem nos levar a julgar aos outros pela sua cor de pele e pela sua origem, segundo os estereótipos ensinados na nossa própria cultura, sociedade e inclusive, na nossa própria religião.

Esse talvez seja um pecado que nunca temos reconhecido como cristãos, e do qual precisamos nos libertar para sermos eficientes em cumprir com a missão integral.

As reflexões bíblicas durante a convivência intercultural, são uma boa maneira de nos conduzir a um processo de transformação mental e libertação dos estereótipos em relação ao estrangeiro, pois como diz o próprio Jesus: “conhecereis a verdade, a verdade vos libertará” (João 8.32).

Ao olhar para o Deus forasteiro, podemos nos sentir identificados com Ele, já que também estamos de passagem pela vida, mas também podemos tomar consciência de que Ele mesmo escolheu caminhar conosco nessa travessia. Essa presença constante do “Deus peregrino” deve nos animar a continuar caminhando pelos difíceis caminhos da vida. A sua presença é a única garantia de termos uma viagem e um destino seguro, independente do deserto ao redor.

2. Deus sempre olhou para o estrangeiro na sua vulnerabilidade.

Em muitas histórias bíblicas, podemos ver como Deus escolheu o caminho da vulnerabilidade e da dependência para aqueles que são chamados segundo o seu propósito eterno. Foi assim com o próprio Abraão em Gênesis 12.1-3, quando lhe disse “sai da tua terra”, “Deixe os seus parentes” e “eu te abençoarei”.

Apesar das grandes promessas que Deus havia feito a este arameu, e da obediência dele ao chamado divino mesmo sem saber para onde ia, enquanto Abraão viveu, o Senhor não lhe deu herança na terra que lhe havia prometido (Hebreus 11:13). Ainda assim, este homem decidiu ficar naquele local com os seus filhos e netos, vivendo em tendas como quem vive em terra estrangeira, visto como estranho e estrangeiro pelas pessoas das cidades vizinhas.

Ao obedecer ao chamado de Deus, Abraão estava trilhando o caminho da dependência e da fragilidade. O homem que certamente mais tarde se tornaria pai da grande nação de Israel (tal como Deus lhe havia prometido), viveu toda a sua vida como nômade, enquanto esperava com fé o cumprimento das promessas divinas, que na verdade não viu cumprir-se enquanto estava vivo.

Tanto Tamez quanto Rodas, concordam em que a própria identidade da nação de Israel, nação formada pelos descendentes de Abraão, era estrangeira. Em Gênesis 15:13, Deus já o advertia: “sua posteridade será peregrina em terra estrangeira e será reduzida à escravidão”. Com essa frase vemos que desde aquela época, o patriarca já sabia que estava destinado à peregrinação, assim como seus descendentes.

O seu povo sentiria o peso da migração, não só pelas circunstâncias externas que os afetariam durante este período (secas, fome, divisão, etc.), mas também pelos inimigos e outras situações difíceis que lhes sobreviriam durante a sua peregrinação.

Isaque, filho de Abraão, experimentou isso em primeira mão quando se viu morando como estrangeiro nas terras de Gerar por ordem divina. Em Gênesis 26, vemos a história da sua luta por água com os pastores de Gerar, a inveja que os moradores da terra tinham dele e a disputa que ocorreu naquele momento ao verem que Isaque prosperava no local que lhes pertencia. Quanta semelhança com a realidade de muitos migrantes!

Histórias bíblicas como está lhe dão um rosto ao imigrante. Não só nos permitem ver os personagens nas suas provações e dificuldades na terra por onde peregrinavam (muitas delas inerentes a qualquer processo migratório), mas também, nos permitem ver as imperfeições destes migrantes, os erros e pecados que também cometeram durante a sua odisséia.

Porém, acima de todas as circunstâncias, estava a mão poderosa de Deus acompanhando-os incondicionalmente, guiando-os, abençoando-os e corrigindo-os, quando parecia que estavam se perdendo.

Para Rodas (2009, p. 77-100), a Bíblia nos mostra os dois lados deste processo migratório: receber a cultura e acolher a cultura, mostrando assim que a imigração é uma condição humana, e que ambas as partes devem desenvolver uma atitude de aceitação e graça com a condição humana.

Esse aspecto da migração é tão profundo nas Escrituras, que de acordo com alguns autores, a própria palavra “hebreu”, mencionada pela primeira vez em Gênesis 14:13 para se referir a Abraão, significa “estrangeiro” ou “o que vem do outro lado”⁴. Isso porque a raiz etimológica mais antiga dessa palavra remonta a um ancestral de Abraão chamado Héber (Gênesis 10:24), cujo nome significa “do além, do outro lado, aquele que emigra”⁵ e cujos filhos eram conhecidos nos tempos antigos como *hebreus*, ou filhos de Éber. Portanto, num sentido mais amplo, a palavra *Hebreus* pode ser traduzida como: “os filhos do outro lado”.

Segundo Senior e Stuhlmueller (1987, p. 80), a própria palavra “israelitas” (descendentes do neto de Abraão, Israel), também representava para os antigos uma mistura de povos diversos, os quais tinham como elo comum o seu status como refugiados, estrangeiros residentes e pessoas despejadas, arrancadas das suas terras de origem.

43

⁴ **"Hebreo o Hibrit"**. Etimologías [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://etimologias.dechile.net/?hebreo#:~:text=timolog%C3%ADA%20de%20HEBREO&text=La%20palabra%20hebre%20viene%20de,%2C%20fenicio%2C%20egipcio%20y%20bereber>. Acesso em: 23 de abril, 2024.

⁵ **"Hebreos"**. Diccionario Bibliatodo. Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/Diccionario-biblico/heber>. Acesso em: 25 de abril, 2024.

Talvez seja por isso que o próprio Deus dá especial atenção ao estrangeiro, ao migrante e ao peregrino nas Escrituras. Na verdade, Deus mesmo cuida deles, e deixa claro ao Seu povo que devem tratá-los adequadamente, lembrando que um dia também foram estrangeiros em terra estrangeira. Ou seja, os israelitas deviam se colocar no lugar deles e tratá-los com compaixão e de forma justa, como pessoas iguais a eles (Êxodo 22:21), sem qualquer tipo de discriminação ou opressão.

Que outra razão precisamos, como cristãos, para acolher e ajudar adequadamente àqueles que estão atualmente em contexto de migração e que cruzam pelo nosso caminho? Pois bem, o próprio Deus nos ordena: “Quando o estrangeiro **peregrinar convosco** na vossa terra, não o oprimireis. Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito.” (Levítico 19:33, 34).

Como se não bastasse, no livro de Levítico encontramos também um confronto direto com a nossa sociedade atual e com aquelas leis injustas que acabam por discriminar o imigrante, pois diz: “Uma só lei governará, tanto para o nativo como para o estrangeiro” (24.22). Poderíamos chamar isso de “A Lei dos Estrangeiros no Antigo Testamento”.

Observando os versículos a seguir, vejo que Deus se preocupou em estabelecer normas de dignidade e direitos para os estrangeiros que vieram viver entre o povo judeu:

- “Não maltratem os estrangeiros” Êxodo 23,9
- “Não os oprimam” Levítico 19,34; Deuteronômio 23, 16
- “Não perverterão o direito do estrangeiro” Deuteronômio 24,17, pois
“Maldito aquele que perverter o direito do estrangeiro” Deuteronômio 27,19
- “Repartireis, pois, esta terra entre vós, segundo as tribos de Israel. Será, porém, que a sorteareis para vossa herança, e para a dos estrangeiros que habitam no meio de vós, que gerarão filhos no meio de vós; e vos serão como naturais entre os filhos de Israel; convosco entrarão em herança, no meio das tribos de Israel.” Ezequiel 47: 21-22

Para Rodas esta lei estabelecida por Deus, revela o que está em Seu coração e o que Ele deseja para o Seu povo. Determina a ética que ele quer para um Deus e um povo reconhecidos por serem peregrinos (*ibid.* p. 91-92). À luz disto, vejo quanta diferença existe entre o acima exposto e muitas das legislações que regem hoje os estrangeiros em diferentes partes do mundo.

A verdade é que a maioria de nós sabe muito pouco sobre o quão perturbadoras, confusas e humilhantes podem ser as leis de imigração nos nossos próprios países. Embora pareça que as nossas constituições igualam os cidadãos, quando as verificamos detalhadamente e chegamos às seções referentes aos estrangeiros, podemos ver que muitas delas contêm todo tipo de limitações para os migrantes obterem o status de cidadãos, com direitos e práticas iguais aos dos nativos daquele país.

Em diversas passagens bíblicas, podemos perceber que o mandamento de Deus dá uma ênfase especial àqueles que se encontram em condição vulnerável, pois Ele mesmo “defende a causa do órfão, da viúva, e mostra amor ao estrangeiro” (Deuteronômio 10:17). -19). Assim, podemos dizer que a Bíblia na sua totalidade conduz a um caminho de amor e cuidado com os vulneráveis, incluindo o estrangeiro.

Deus nos ordena claramente que cuidemos deste grupo, e estabelece leis e regulamentos para que sejam amparados e protegidos no país onde vivem como estrangeiros.

Como vemos, a Bíblia nos encoraja a acolher o imigrante como a uma pessoa vulnerável que está em transição, e que talvez foi privada dos seus direitos e da segurança que poderia ter na sua própria terra.

É interessante o que David de la Fuente (2010) explica ao dizer que em grego, as palavras estrangeiro e o hóspede, partilham a mesma raiz: *xenios*. Segundo ele, na Grécia clássica:

Na época de Homero, todos os estrangeiros, sem exceção, consideravam-se protegidos pelos deuses e, como acontece com Ulisses na corte dos feácios, antes de perguntarem seu nome ou filiação, são imediatamente alimentados e alojados (*Ibid.*, p. 33).

Deveria ser o mesmo entre nós, cristãos. O modelo dos gregos leva-nos mais uma vez a observar a legislação do Antigo Testamento e ao que devemos fazer hoje: acolher com dignidade àqueles que estão peregrinando em busca de melhores condições de vida.

Devemos estar atentos a esta diversidade que se apresenta hoje diante dos nossos olhos, praticamente, no mundo todo. Existe um movimento migratório global que está trazendo até a porta das nossas casas, paróquias e igrejas, pessoas de diferentes cantos da Terra, aos quais Bauman (2016) chama de “estranhos à nossa porta”, na capa do seu livro.

Mas ao contrário deste autor, a Bíblia não se refere aos imigrantes como pessoas estranhas, pelo contrário, pede-nos que os tratemos como iguais. Imagine se hoje parafraseássemos Bauman de acordo com os princípios das Escrituras e os chamássemos de “convidados à nossa porta”. Que transformação radical haveria na nossa atitude em relação aos imigrantes com esta mudança de perspectiva!

3. Misio Dei, um projeto com e para todos

Nas Escrituras, Deus não somente se torna imigrante com o seu povo, cuidando dos estrangeiros e trabalhando pelo seu bem-estar, mas também os inclui como participantes da sua missão, conhecida também como *Misio Dei*. Segundo Acosta: “Na genealogia do próprio Jesus aparecem quatro mulheres estrangeiras e todas gozaram da bênção de Deus, sendo dignas de pertencer à genealogia do Salvador da humanidade: Raabe, Tamar, Rute e Bate-Seba” (2009, p. 125).

Este é um ponto muito relevante para ver e compreender a ação de Deus na história, mostrando que Ele não é apenas o Criador e zelador de toda a humanidade, mas também leva a todos em consideração, no caminho para a restauração de toda a criação.

Embora poderia dizer muitas coisas sobre estas mulheres, farei apenas uma breve referência à história de Rute, situada na intersecção da sua vida como mulher, estrangeira, pobre e viúva.

Tamez comenta em seu livro que, apesar de ser forasteira e oriunda de um povo inimigo de Israel, Rute “é acolhida e vista como uma heroína na narrativa [...] além disso, intencionalmente, essa narrativa inclui uma genealogia na qual se menciona que o filho de Rute é o avô do pai do rei Davi” (*Ibid.* 12-13).

No Novo Testamento, vemos que “os testemunhos de fé mais impressionantes são dados por estrangeiros, como o centurião (Mateus 8:10), a mulher siro-fenícia (Marcos 7:25) e o soldado que viu Cristo morrer (Mateus 25: 31 - 46). Para Jesus, o Reino de Deus envolve todas as nações” (CASTRO, 1986, p.85). A Bíblia toda afirma isso de inúmeras maneiras.

Ao longo do relato bíblico, Deus está lidando com estrangeiros, chamando-os a estarem próximos d’Ele e a serem cooperadores em Sua missão. Essas histórias bíblicas nos mostram a inclusão dos estrangeiros na história da salvação e há vários personagens que revelam essa vontade divina.

Quando vemos que Deus chama a Abraão (quando Israel nem sequer era uma nação), podemos ver muito claramente que ele é chamado dentre as nações com o propósito de abençoar os demais povos da Terra. Isto é confirmado pelo apóstolo Paulo em Gálatas 3:13-14, dizendo: “para que a bênção de Abraão chegue aos gentios.” Ou seja, um povo chamado por Deus, para ser uma bênção para todas as famílias da terra.

Esta é, na verdade, a gênese do povo judeu. Como também expressa Tamez ao comentar o texto de Deuteronômio 26,5: “todos os seus descendentes devem lembrar, de geração em geração, como uma breve confissão de fé, como um credo, as origens migrantes de seu progenitor, suas raízes são aramaicas e peregrinas” (*Ibid.* P. 8).

Vejamos uma história interessante sobre a ação de Deus na vida de uma escrava e estrangeira, Hagar, contada em Gênesis 16 e Gênesis 21. Rita Ceballos (2009, p. 4) afirma que ela “é a primeira mulher do Antigo Testamento que recebe o anúncio de um filho e é a única mulher que recebe diretamente a promessa de uma descendência”, a mesma promessa feita a Abraão em Gênesis 12:1-3 de uma descendência numerosa.

De modo que, “a escrava, a pobre, a mulher e a estrangeira (foi) favorecida com a promessa e com o encontro com o Deus de Israel” (*Ibid.* p. 32-43), ao qual ela se refere depois como “o Deus que me vê” (Gênesis 16:13).

Da mesma forma, muitos outros estrangeiros foram incluídos na ação de Deus na história, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Certamente, a identidade do povo hebreu foi marcada pelas migrações, agora eles também deverão cuidar dos estrangeiros como parte da sua comunidade.

As Escrituras também mostram a inclusão de estrangeiros no seu local de adoração, quando Deus diz: “E aos filhos dos estrangeiros, que se unirem ao SENHOR, para o servirem, e para amarem o nome do Senhor (...) Também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração” em Isaías 56:6,7, acrescentando também em Marcos 11:17, que a sua casa seria chamada: “casa de oração para todos os povos”.

Na verdade, provavelmente a melhor palavra para usar aqui não seja *inclusão*, uma vez que todas as nações (no que tem a ver com às nações étnicas) foram sempre convidadas ao culto e à reconciliação com Deus.

Nessas passagens, o Senhor está falando diretamente com Israel, a fim de que eles não caíssem no exclusivismo ou no etnocentrismo. Por isso utiliza a expressão “todos os povos”, revelando-se como um Deus criador que sempre teve em conta a todas as nações no seu plano redentor. Isto também acontece no âmbito da oração, da busca da sua presença, da sua provisão e dos seus milagres. Ao inaugurar o templo, Salomão disse:

Assim também ao estrangeiro, que não for do teu povo Israel, quando vier de terras remotas (...) ouve tu desde os céus (...) e faz conforme a tudo o que o estrangeiro te suplicar; a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome, e te temam, como o teu povo Israel (II Crônicas 6:32,33).

Ainda hoje, Deus desafia o seu povo a convidar a todas as pessoas para este Reino de amor e perdão. Nós, como comunidade do Reino, devemos continuar trabalhando neste processo de aproximação de todas as pessoas criadas por Deus. Como diz Bedford (2002, p. 132), “a inclusão é a contrapartida missionária da apostolicidade eclesial”, ou seja, cada um, como parte da comunidade do Reino de Deus, tem a missão de fazer parte deste processo de inclusão do migrante.

De acordo com a psicologia, um dos sintomas mais perturbadores da condição do estrangeiro, ou da pessoa em processo de migração, é o de sentir que não faz parte de nada, que não pertence a nenhum lugar, bem como ter uma perda significativa de referências. Portanto, acolher os imigrantes, tanto na comunidade de fé como na sociedade de acolhimento, facilita este processo de sentir-se reconhecido, de sentir-se parte ou pertencente a algo.

Da mesma forma, ser conhecido pelo nome e não pela nacionalidade ou muito menos por apelidos negativos (“o argentino”, “o brasileiro”, “o negro”, “o índio”, etc.), pode dar à pessoa o respeito e a dignidade que lhe corresponde como indivíduo criado por Deus.

4. Um convite a todas as nações

Os livros poéticos e proféticos da Bíblia estão repletos destes convites de Deus a todos os povos da Terra. Um convite para conhecê-Lo, adorá-Lo e caminhar com Ele. Em Salmos 66:1, o salmista convida a toda a Terra para saudar o Seu nome e declarar Sua grandeza. “Que toda a Terra se prostre diante d’Ele e cante os seus louvores” (v. 4); “vinde e vede as obras de Deus” (v. 5).

Carriker (2002, p. 132), refere-se aos Salmos 117 e 67, para afirmar que “a história de Israel está intimamente relacionada com o destino das nações”. Nestes Salmos também estão presentes os convites a reconhecê-lo como Senhor e a louvar o seu nome.

No Salmo 47, por exemplo, há um convite claro para pessoas do mundo todo: “Batei palmas, todos os povos; aclamai a Deus com voz de triunfo.” (Vs. 1); “Pois Deus é o Rei de toda a terra, cantai louvores com inteligência” (vs.7), assim como em Salmos 96:7 quando Davi diz: “Dai ao Senhor, ó famílias dos povos, dai ao Senhor glória e força”, “Dizei entre as nações que o Senhor reina.” (v.10).

Podemos ver convites como estes ao longo da Bíblia, para que todos os habitantes da Terra cantem um cântico de adoração ao seu Criador (Salmos 100.1).

Este chamado de Deus se estende a toda a sua criação, incluindo os poderosos de outras nações, como nos mostra o Salmo 68:31,32 quando diz: “Virão príncipes do Egito; A Etiópia apressar-se-á a estender as mãos a Deus. Reinos da Terra, cantem a Deus, cantem ao Senhor”.

Ao dizer que a sua casa é um lugar de oração para todos os povos, Deus demonstra que este é o lugar de uma “aliança multinacional” (Carriker, Ibid.) e, portanto, pessoas de todos os povos, tribos e nações são convidadas a vir para dela. Segundo Wright, é a ação de Deus entre o seu próprio povo, o testemunho que atrai e chama outras nações a exaltar a Jeová e a se alegrar diante d’Ele (2014, pp. 355362).

Mais uma vez, podemos constatar que este santuário, aberto a todos, é também um lugar de convite e de anúncio para que todos os povos reconheçam o Senhor. Aquela oração do rei Salomão na consagração do templo (I Reis 8.41-43) nos leva a observar como Deus cumpriu a promessa feita a Abraão, de que todas as famílias da Terra seriam abençoadas por seus descendentes. Dessa forma, como diz Wright (2014, p. 362), abriu-se espaço para que todas as pessoas pudessem vir adorar e invocar o nome do Senhor.

Este convite não é novo, pois Deus sempre tem buscado a sua criação, onde quer que ela esteja, embora isso estivesse muito além do que o Seu povo Israel pensava e talvez pense até hoje.

Diante destes convites podemos sentir e ver o amor e o cuidado de Deus por todas as etnias da Terra. O Seu interesse em ter perto pessoas de todas as tribos, povos e raças, e que no final das contas, todos sejamos chamados a estar com Ele e reconhecê-Lo como o Deus único, poderoso e Criador.

Quem quer que se sinta estranho nesta Terra, excluído ou mesmo rejeitado, pode olhar para as Escrituras e encontrar nelas este convite a estar próximo do Criador do Universo.

5. Cristãos: um povo igualmente peregrino

O apóstolo Pedro, em sua carta escrita aos irmãos da diáspora os identifica como “peregrinos e estrangeiros” (I Pedro 2:11). Estes eram cristãos em condição de migrantes, que tinham sido dispersos em diversas províncias, os quais formavam uma comunidade multiétnica de fé em Jesus Cristo. Mas o que isso representa para nós, cristãos?

Segundo López (2009, p. 97), “todos os cristãos fazem parte de uma nação, vivem sob uma certa forma de governo [...] e estão sujeitos a uma determinada ordem jurídico-legal”, mas ao mesmo tempo, são cidadãos do Reino de Deus, o qual é atemporal.

Da mesma forma, para George, a Igreja do Senhor é uma comunidade da diáspora universal, sempre em caminho, em constante partida, como uma comunidade enviada ao mundo (2015, p. 14).

É esta mesma Igreja que foi chamada por Deus para ser “um povo eleito, uma nação separada, sacerdotes reais” (1 Pedro 2:9). Quero refletir sobre estes pontos na perspectiva da identidade desta igreja peregrina.

Como vemos, ela é composta por cidadãos do Reino de Deus, é uma comunidade de fé formada por pessoas de todos os povos do mundo, que tem como missão convidar a outros à reconciliação com o seu criador. Além disso, ela também é chamada a ser peregrina e a carta aos Hebreus dá testemunho disso: “todos estes morreram na fé, não tendo recebido as promessas, mas vendo-as de longe e aceitando-as de bom grado, confessando que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13).

Para Bosch, a Igreja é sim peregrina, porque em qualquer lugar do mundo onde os seus membros se encontram, eles estão em condição de diáspora, pois o seu Reino não é desse mundo. A Igreja também é *eclésia*, ou seja, ela é “chamada para fora” do mundo, mas paradoxalmente, ela é enviada de volta ao mundo para cumprir a sua missão. “Por tanto ser estrangeiro é um elemento de sua constituição” (2000, p. 457).

Como vemos nas Escrituras, assim como para os hebreus, e depois para Israel, a sua própria identidade era ser peregrinos, a identidade de cada cristão também é. Somos peregrinos nessa terra, e ao mesmo tempo, cidadãos do Reino de Deus; um reino celestial, mas que está presente aqui e agora e que será plenamente estabelecido no futuro (SENIOR *et. Al., Ibid.*, p. 194-196).

Assumindo esta realidade de igreja peregrina, torna-se mais fácil identificar-se com todos aqueles que estão no mesmo processo, seja voluntária ou involuntariamente.

E ao mesmo tempo, mostra ao imigrante que esta não é uma condição única de quem sai da sua terra em busca de melhores condições de vida, mas que como cristãos estaremos sempre em transição, passando pela Terra, porém, vivendo também os valores, os princípios e a justiça de um reino superior, o Reino de Deus.

Embora para muitos seja algo difícil de aceitar, a grande verdade é que somos uma “igreja migrante”. Estamos o tempo todo em transições, em caminhos difíceis, numa diáspora contínua na Terra. A própria missão confiada pelo Deus Triuno a nós é a dispersão. Isto fica claro em textos bíblicos como Gênesis 12:1-3, Salmos 67, nos relatos da Grande Comissão de Mateus 28:18-20, em Atos 1:8 e enfim, por toda a Bíblia.

Vemos então, um Deus peregrino que caminha com a sua igreja em peregrinação, com a missão de abraçar, acolher, dar as Boas Novas e proteger os povos espalhados pela Terra.

Não posso esquecer o fato de que o Cristo peregrino, o próprio Deus Triuno encarnado, ainda sendo criança, teve que se refugiar num país estrangeiro porque estava sendo perseguido de morte. Assim como milhões de crianças que migram hoje pelo mundo inteiro, o Filho do Deus Todo-Poderoso teve que ser levado rapidamente e no meio da noite para outra nação, levando consigo apenas o que pudessem colocar sobre um animal, uma vez que na sua terra natal a sua vida corria grande perigo (Mateus 2: 13-16).

Quem diria que o Senhor Jesus viveu em primeira mão aquela vulnerabilidade tão característica do imigrante, que a sua história é semelhante a dos milhões de seres humanos que hoje estão em vários lugares do mundo, fugindo, vivendo como estrangeiros; banidos talvez para sempre dos seus países de origem, porque regressar a eles significaria a morte.

Contudo, dizer hoje que “Deus também foi um imigrante”⁶ pode soar como uma ofensa, ou quase como um pecado numa sociedade que tende a ser exclusiva e discriminatória.

⁶ Expressão usada pelo cantor e compositor colombiano Santiago Benavides na letra da sua música “Dios también” (Álbum musical *Un lugar llamado gracia*, 2014).

Mas não soa assim para quem, como imigrante, se sente identificado com este Jesus que viveu o que eles também viveram, com este Deus tão humano, tão presente, tão sofrido e tão despojado de tudo o que há de mais valorizado por esta sociedade insaciável de poder, a qual tende a anular e invisibilizar os imigrantes “indesejáveis”.

Como membro da comunidade do Reino de Deus, sou desafiada a pensar que não devo apenas estar atenta a estes movimentos humanos, mas também, preciso refletir e analisar quais devem ser as ações que devo tomar para poder cumprir o que o Deus peregrino pede a nós como seu povo. Para começar, posso perguntar-me: quais podem (ou devem) ser as ações a serem tomadas neste novo contexto social?

Quero apresentar algumas delas de forma muito breve, deixando claro que não representam, em hipótese alguma, um esgotamento de possibilidades.

A igreja, como comunidade peregrina e ao mesmo tempo acolhedora, deve preparar-se para dar apoio e abrir caminhos para o empoderamento destas pessoas dentro da sociedade receptora. Tal como complementa Padilla, “à sombra da cruz de Cristo, a Igreja, como comunidade, deve ser o lugar onde desaparecem as diferenças e divisões étnicas, nacionais ou sociais” (2003, p. 35).

Toda pessoa reconciliada com Deus ingressa nesta comunidade ou família de fé, onde “encontra sua identidade na identificação com Jesus, não em sua raça, cultura, classe social ou gênero, e conseqüentemente, experimenta a reconciliação mútua” (PADILLA, 1986, P 157).

Portanto, a igreja torna-se o lugar para a vivência antecipada do Reino de Deus, e deve trabalhar também para chamar a todas as nações da Terra para esta comunidade.

Assim, nós, cristãos, devemos ser os agentes que possibilitam e tornam possíveis os processos de integração social. Devemos conhecer mais e melhor as leis de imigração para adquirir a legalidade, ter acesso à inserção escolar e laboral, dar informação e apoio durante este período de adaptação, pois isto é muito significativo para o nosso “hóspede”.

Ainda neste aspecto, a igreja pode criar atividades integradoras como momentos de convivência e valorização cultural, para que a pessoa conheça o contexto histórico, político, social e cultural em que está imersa. Dar-lhes aulas para aprender a língua local é uma ferramenta muito útil neste processo.

Temos a obrigação moral e bíblica de capacitar estas pessoas para o seu melhor desenvolvimento dentro da nova sociedade, devolvendo-lhes a dignidade, a autoestima e a segurança pessoal, até o ponto em que o “hóspede peregrino” se sinta parte desta nova sociedade, ou seja, até que ande livremente nela e faça parte também de sua construção.

Como última ação, quero destacar novamente a necessidade da igreja de proporcionar aos recém-chegados o cuidado psicológico, emocional e espiritual que tanto necessitam dada a sua realidade.

Não devemos esquecer os efeitos devastadores do choque cultural (mais conhecido em Espanha como “Síndrome de Ulisses”⁷ ou a “síndrome do imigrante” (ACHOTEGUI, 2006, p. 61) em que a pessoa sofre com a perda de referências e passa por um processo de depressão e saudade profunda.

Alguns migrantes superam isso facilmente, mas outros não, e isso resulta em sintomas de doenças psicossomáticas ou distúrbios psicológicos graves. Por isso, trazer alívio, conforto, cuidado e esperança no luto da migração é a nossa missão. Cuidar do ser humano faz parte da nossa mordomia com a obra criada.

A Igreja como peregrina, enviada ao mundo, agora tem o mundo como sua paróquia sem ter que se deslocar fisicamente. Estamos sendo desafiados a cuidar do nosso próximo: o peregrino, o imigrante, o refugiado e o exilado, o qual chega até nós cansado e inclusive ferido, e que ainda traz uma bagagem “desconhecida” para nós que é a sua língua, a sua cultura e a sua visão de mundo.

⁷ https://es.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Ulises (Consultado el 08/08/2020).

Temos que hospedá-los. É a nossa vez de lavar os pés cansados, é a nossa vez de aliviar a carga deles. Temos que cumprir a missão deixada a nós pelo Cristo peregrino, quem como diz Edésio Cetina (2006, p. 38), sendo o “Deus que peregrina com o seu povo”, ama e cuida zelosamente do estrangeiro.

Padilla (1997, pp. 188-189) nos lembra que a nossa identidade como povo de Deus vem do nosso relacionamento com Ele e não da nossa origem ou cultura. Portanto, a nossa atitude perante o estrangeiro é mais do que uma questão de ética, ela é teológica; Isto significa que, de acordo com as Escrituras, não deve haver outro lugar onde os imigrantes possam sentir-se mais confortáveis e bem-vindos do que na comunidade do povo de Deus.

Quero encerrar esta parte, com o pensamento de Robert Heimbürger:

O Senhor quer um povo que ame como Ele ama: que ama àqueles que vêm de fora e que não têm casa, nem família. Estas são justamente as pessoas com quem Deus se preocupa, tanto física quanto espiritualmente. Graças à misericórdia de Jesus Cristo, pessoas de todos os povos do mundo podem unir-se ao novo povo, ao povo de Deus. I Pedro deixa claro que para aqueles de nós que estão em Cristo, a Igreja é a nossa nação (2:9). Aqueles que fazem parte da nação de Deus ouvem a história dos migrantes de forma diferente: Deus os amou tanto que veio migrar com eles e, em resposta a esse amor, eles devem amar os migrantes (2016, p. 8).

Bibliografia

- ACHOTEGUI, J. “**Estrés Límite y Salud Mental: El Síndrome Del Inmigrante Con Estrés Crónico y Múltiple**” (Síndrome de Ulises). Revista Migraciones, Madri: Espanha, 2006. Disponível em:
- ACOSTA, M. **O humor no Antigo Testamento**. São Paulo, Brasil: Editorial Hagnos, 2009.
- ARES, A. “**¿Cuándo te vimos forastero y te acogimos? Una teología de las migraciones**”. Revista de teología y pastoral de la Caridad Corintios XIII , n. 157, Jan. 2016. Disponível em: https://www.comillas.edu/images/OBIMID/Noticias/Transitando_una_teologia_de_las_migraciones.pdf
Acesso em: 10 de março de 2020.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro, Brasil: Editorial Zahar, 2016.
- BEDFORD, N. “**La teología de la misión integral y el discernimiento comunitario**”. In: PADILLA, R.; YAMAMORI, T. (Eds.). La Iglesia local como agente de transformación - una eclesiología para la misión integral. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 2003. p. 47–70.
- Bíblia**. São Paulo, Brasil: Editorial Vida Nova, 2014.
- BOSCH, D. **Misión en Transformación: Cambios de Paradigma en la Teología de la Misión**. New York, USA: Editorial Desafío, 2000.
- CAMPESE, G. **Hacia una teología desde la realidad de las migraciones**.

CAMPESE, G., & RIGONI, F. M. **Hacer teología desde el migrante: diario de un camino**. In Migration, Religious Experience, and Globalization. Nova Iorque: Center for Migration Studies, 2003. p. 181–203.

CARRIKER, T. **O Caminho Missionário de Deus**. São Paulo, Brasil: Editorial Sepal, 2000.

CASTRO, E. **Servos Livres**. Rio de Janeiro, Brasil: Editorial Liberdade, 1986.

CEBALLOS, R. **Agar una Mujer de la Biblia**. Santo Domingo, República Dominicana: Editorial Centro Cultural Poveda, 2009.

CETINA, E. “**Misión integral en el Pentateuco**”. In: PADILLA, R.; SEGURA, A. (Eds.). *Ser hacer y decir – bases bíblicas de la Misión Integral*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 2006.

Ciudad de México, México: Editorial ITESO, 2008.

DE LA FUENTE, D. H. “**Técnicas de diagnóstico, intervención y evaluación social: Perspectivas desde la tradición clásica**”. In: PELAEZ, A. L. (Ed.). *Técnicas de Diagnóstico, Intervención y Evaluación Social*. Editorial Universitas. Madrid, España, 2010. p. 29-53.

DE SOUZA, CHAVEZ, M. “**Los hijos del otro lado” Inmigración y ciudadanía a la luz de las Escrituras**. 1. ed. São Paulo, Brasil, 2024.

“**Hebreo o Hibrit**”. Etimologías [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://etimologias.dechile.net/?hebreo#:~:text=timolog%C3%ADa%20de%20HEBREO&text=>

“**Hebreos**”. Dicionario Bibliatodo. Disponível em: [https://www.bibliatodo.com/Diccio nario-biblico/heber](https://www.bibliatodo.com/Diccio%20nario-biblico/heber). Acesso em: 25 de abril, 2024.

- HEIMBURGER, R. **La inmigración vista a través de la fe.** IFES - *Revista Palabra y Mundo* Edición, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/26340039/La_migración_vista_a_través_de_la_fe_el_pueblo_de_Dios_las_tierras_nacionales_y_las_universidades. Acesso em: 10 de março de 2020. <https://revistas.comillas.edu/index.php/revistamigraciones/article/view/> Acesso em: 05 de agosto de 2020.
- LEÓN, J. **A caminho de uma evangelização restauradora.** São Leopoldo, Brasil: Editorial Sinodal, CLAI, 2010.
- LÓPEZ, D. **La Propuesta Política del Reino de Dios.** Lima, Perú: Editorial Puma, 2009.
- NÓBREGA, E. **Missão Integral – Fundamentos Teológicos e implicações práticas.** João Pessoa, Brasil: Editorial Betel Brasileiro, 2009. Disponível em: org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Ulises. Acesso em: 8 ago. 2020.
- PADILLA, R. **“Una eclesiología para la misión integral”.** In: PADILLA, R.; YAMAMORI, T. (Eds.). *La Iglesia Local como agente de transformación – Una eclesiología para la misión integral.* Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós. Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 2003. p. 17 – 45.
- PADILLA, R. **Discipulado y Misión.** Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 1997.
- PADILLA, R. **Misión Integral – Ensayos sobre el Reino y la Iglesia.** Buenos Aires, Argentina: Editorial Kairós, 1986.
- PADILLA, R. **Missão Integral – ensaios sobre o Reino e a Igreja.** São Paulo, Brasil: Editorial Temática, 1992.
Paulo, Brasil: Editorial Paulinas, 1987.
- RODAS, D. C. **Cristianos en la Frontera.** Florida, USA: Editorial Casa Creación, 2009.

SANTIAGO, B. **Dios también**. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cu8TOJwOEIo>>. Acesso em: 31 jul. 2020

SHERRON, G. **Sonhando Juntos Com Deus**. São Leopoldo, Brasil: Editorial Sinodal, 2015.

Síndrome de Ulisses. Wikipedia. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://es.wikipedia>.

STUHLMUELLER, C; SENIOR, S. **Os Fundamentos Bíblicos Da Missão**. São Paulo, Brasil: Editorial Paulinas, 1987.

TAMEZ, E. **Migraciones, Éxodos y Liberación. Perspectivas BíblicoTeológicas**. In: CONFERÊNCIA MADRI, 10 set. 2016.

WRIGHT, C. **A Missão de Deus – Desvendando a grande narrativa da da Bíblia**. São Paulo, Brasil: Editorial Vida Nova, 2014

WRIGHT, C. **A Missão do Povo de Deus – Uma Teologia Bíblica da Missão da Igreja**. São Paulo, Brasil: Editorial Vida Nova, 2012.

XAVIER, M. **Perspectivas Bíblicas de la Inmigración**. Desafíos para la fe en un contexto de desarraigo. San José: Costa Rica. Fraternidad Teológica Latinoamericana, 2023. p. 10–28. Disponível em: <https://alcnoticias.net/es/download/desafios-para-la-fe-en-un-contexto-dedesarraigo/>

**A IGREJA EM MISSÃO E A JUSTIÇA AMBIENTAL: UMA VISÃO SOBRE O
PAPEL ECOLÓGICO DA IGREJA**

Jesus Coragem Abel, Bacharel em Teologia, Graduado em Enfermagem, Mestrando em Missiologia, Professor de Teologia no Instituto Teológico do Moxico, Professor de Enfermagem no Instituto Técnico de Saúde do Moxico e no Instituto Superior Politécnico do Moxico – Angola. Líder da Juventude na Primeira Igreja Baptista do Moxico – Angola.
ORCID: 0009-0009-8212-9839

A IGREJA EM MISSÃO E A JUSTIÇA AMBIENTAL: UMA VISÃO SOBRE O PAPEL ECOLÓGICO DA IGREJA

Resumo

O presente artigo aborda sobre como a igreja missional compreende o seu papel ecológico a partir do prisma da *Missio Dei*. Nos tempos atuais, o capitalismo selvagem deu lugar a exploração desmedida dos recursos naturais, a criação de inúmeras indústrias poluentes que resultam na produção em massa de vários bens e serviços tendo em vista o lucro a todo custo. Em contrapartida, os grupos sociais marginalizados são os que mais sentem os impactos directos resultantes da presença desses empreendimentos. À luz disso, qual é o papel da Igreja frente às questões ambientais, e como o conceito da *missio Dei* pode despertar a igreja para um maior engajamento no cuidado do meio ambiente? O artigo sustenta que a *Missio Dei* é a chave hermenêutica para a compreensão da História da Redenção. Portanto, a igreja é apresentada como a miniatura e a guardiã do Jardim, por isso, é necessário que ela se envolva através de acções concretas voltadas ao cuidado do meio ambiente.

Palavras-Chave: Igreja Missional, Justiça Ambiental, *Missio Dei*, Meio Ambiente.

Abstract

This article discusses how the missional church understands its ecological role from the perspective of *Missio Dei*. In current times, wild capitalism has given way to the excessive exploitation of natural resources, the creation of countless polluting industries that result in the mass production of various goods and services with a view to profit at all costs. On the other hand, marginalized social groups are those who most feel the direct impacts resulting from the presence of these enterprises. In light of this, what is the role of the Church in relation to environmental issues, and how can the concept of *missio Dei* awaken the church to greater engagement in caring for the environment? The article argues that the *Missio Dei* is the hermeneutical key to understanding the History of Redemption. Therefore, the church is presented as the miniature and guardian of the Garden, therefore, it is necessary for it to get involved through concrete actions aimed at caring for the environment.

Keywords: Missional Church, Environmental Justice, Missio Dei, Environment.

INTRODUÇÃO

O assunto da urgência climática, aquecimento global e sustentabilidade domina quase todas as manchetes dos jornais e noticiários ao redor do mundo. Nesta nova conjuntura a igreja também precisa reconsiderar sua atuação missionária e assumir seu papel como guardiã dos valores bíblicos, incluindo o cuidado com toda a criação. Na atualidade presenciamos o quanto a ganância tem resultado em exploração desmedida dos recursos naturais, a criação de inúmeras indústrias poluentes que resultam na produção em massa de vários bens e serviços tendo em vista o lucro a todo custo.

Em contrapartida, em muitos casos as indústrias e os dejectos são instalados em zonas habitadas por grupos sociais marginalizados que sentem os impactos directos resultantes da presença desses empreendimentos, enquanto que os proprietários habitam em locais livres desses impactos. Percebe-se cada vez mais que o nível de poluição ambiental é extremamente preocupante em todo o mundo. Então, qual é o papel da Igreja frente às questões ambientais, e como o conceito da missio Dei pode despertar a igreja para um maior engajamento no cuidado do meio ambiente? O artigo sustenta que existe uma interconexão entre a missio Dei e a Justiça ambiental, de tal sorte que seria incoerente se uma igreja afirmasse ser missional sem uma preocupação com a causa da justiça ambiental.

A igreja é apresentada como a miniatura e a “guardiã do Jardim”, por isso, é necessário que ela se envolva na missio Dei através de acções concretas voltadas ao cuidado do meio ambiente.

O CONCEITO DE MISSIO DEI E SEUS DESDOBRAMENTOS NA COMPREENSÃO DO PAPEL DA IGREJA

O conceito de Missio Dei é a chave hermenêutica para a compreensão da Grande História – a História da Redenção.

Todo o desenrolar da história bíblica gira em torno da Missão. Nascimento sublinha que “até o século 16, o termo “missão” era usado para se referir à doutrina da Trindade”¹, no sentido de que “Deus envia seu Filho, e Pai e Filho enviam o Espírito.”² Mais tarde, surge um terceiro elemento atrelado ao conceito da *missio Dei* – a Igreja. Isto é, se o Pai envia o Filho e ambos enviam o Espírito, a Trindade por sua vez envia a Igreja ao mundo.

O termo “missão” foi primeiramente utilizado pelos jesuítas “para se referir à difusão da fé cristã entre pessoas, incluindo protestantes, que não eram membros da Igreja Católica.”³ Nesse sentido, o termo tinha uma implicação expansionista e colonial.

Por muitos séculos a Igreja colocou a missão na área da eclesiologia e a confundiu com missões, por isso, só nas primeiras décadas do século XVII é que se começa a dar ênfase a teologia da missão. Ronaldo Lidório, destaca que o “primeiro teólogo pós reforma a sistematizar a teologia da missão, sendo reconhecido como primeiro missiólogo protestante foi o teólogo holandês Gisbertus Voetius”⁴, que viveu entre 1588 – 1676. Segundo Bosch, “Voetius defendia a opinião de que a base da missão era primordialmente teológica - emanando do próprio âmago divino. Por isso, é possível classificá-lo, com justeza, como um dos primeiros expoentes daquilo que hoje se conhece como *missio Dei*”⁵.

Em termos conceituais, Bosch define a *Missio Dei* como “a auto-revelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar.”⁶ Ele apresenta a missão como sendo o “sim” e o “não” de Deus ao mundo.

¹ NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou Colonização*: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015, p.34.

² VICEDOM, Georg. *A missão como obra de Deus: Introdução a uma teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

³ NASCIMENTO, 2015, p.34.

⁴ LIDÓRIO, Ronaldo. *Missiologia Teocêntrica e Trinitária*: Observando a missiologia de Gisbertus Voetius e suas aplicações para os nossos dias. Artigo. P.1

⁵ BOSCH, David J. *Missão Transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. 4ª Ed., São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 313,4.

⁶ Idem, 2014, p.28.

Em nossa época, o sim de Deus ao mundo revela-se, em grande medida, no engajamento missionário da igreja no tocante às realidades de injustiça, opressão, pobreza, discriminação e violência. Encontramo-nos em grau crescente numa situação verdadeiramente apocalíptica onde os ricos ficam mais ricos e os pobres, mais pobres, e onde a violência e opressão tanto da direita quanto da esquerda estão aumentando. A igreja-em-missão não pode cerrar os olhos a essas realidades, já que “o padrão da igreja no caos de nossa época é completamente político” (Schütz 1930:246).⁷

A missão é também o não de Deus, à medida que ela expressa a “nossa oposição e conflito com o mundo. Se o cristianismo se funde com movimentos sociais e políticos ao ponto de identificar-se completamente com eles, “a igreja tomar-se-á mais uma vez o que se chama de religião da sociedade (...)”.⁸

Para Vicedom, a *Missio Dei*, significa antes de mais nada, que a missão é obra de Deus. Ele é o senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante. Ele é o sujeito ativo da missão. Se atribuirmos a missão desse modo a Deus, ela está isenta do arbítrio humano.⁹ À luz desse conceito, Vicedom sustenta que “todo o serviço da igreja só tem sentido se levar à missão e nisso encontrar seu objetivo último”.¹⁰ Assim, se a igreja não compreender corretamente o seu papel missional ela corre o perigo de se tornar eclesiocêntrica na sua abordagem missionária.

“Existe o perigo de a Igreja se tornar o ponto de partida da missão, seu objetivo, seu sujeito. No entanto, com base nas Escrituras ela não é isso. Pois o atuante sempre é o próprio Deus triúno, que incorpora seus crentes em seu reino. Também a igreja é apenas um instrumento na mão de Deus. Ela própria é o resultado do Deus que envia e salva.”¹¹

Portanto, Vicedom, defende a necessidade da igreja compreender a si mesma como “instrumento” e como “resultado” da actividade do Deus que envia e salva, por isso,

⁷ Idem, 2014, p.28.

⁸ Idem, 2014, p.29.

⁹ VICEDOM, 1996, p.16.

¹⁰ Idem, 1996, p.15.

¹¹ Idem, 1996, p.15.

“...a missão não é somente obediência a uma palavra do Senhor, não é apenas o compromisso de congregar a comunidade; ela é a participação na missão do Filho, na *missio Dei*, com o abrangente objectivo do estabelecimento do Senhorio de Cristo sobre toda a criação redimida. O movimento do qual somos parte tem sua fonte no próprio Deus triúno.”¹²

Michael Goheen aborda sobre a importância de a igreja ter consciência do propósito da sua existência, do seu carácter missional e exercer influência positiva no seu entorno. Na sua perspectiva, o conceito de Igreja missional precisa ser entendida

“...quando usada para descrever a natureza da igreja... descreve não uma actividade específica da igreja mas a própria essência e a identidade da igreja à medida que ela assume o seu papel na história de Deus no contexto da sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo... é a essência da igreja e se reflete na sua acção.”¹³

Para Goheen, a igreja precisa ser missional no seu propósito e na sua forma de atuação. Assim sendo, “missional” “significa definir a comunidade inteira como um corpo enviado e que existe não para si mesma mas para levar as boas novas ao mundo. E esse papel não se resume na evangelização.”¹⁴ Ele defende que “a actividade evangelística deve ser legitimada primeiramente e antes de tudo por uma comunidade que experimenta o poder do evangelho de transformar vidas... nossas palavras também são críveis se forem autenticadas com atos de misericórdia e de justiça.”¹⁵ Essa perspectiva subentende que a igreja deve exercer o papel de promotora da justiça e da misericórdia e se opor à todas as estruturas de poder opressoras.

Por isso, Goheen, alerta para a necessidade de a igreja adotar um modelo de missão centrífugo e não centrípeto, ou seja, que a igreja não centralize sua atenção apenas em si mesma, desprezando desse modo a comunidade que a circunda e os seus dilemas. Ao invés disso, a igreja deve se empenhar em actuar como uma comunidade de contraste, isto é,

¹² Idem, 1996, p.15,6.

¹³ GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia*: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.258.

¹⁴ Idem, 2014, p.258.

¹⁵ Idem, 2014, p.258.

“... uma comunidade de justiça em um mundo de injustiça económica e ecológica; uma comunidade de generosidade e simplicidade em um mundo consumista; uma comunidade de pessoas que contribuem de modo generoso em um mundo egoísta que busca os seus próprios direitos mais que os dos outros; uma comunidade que testemunha humilde e constantemente em um mundo de incertezas; uma comunidade de esperança em um mundo desiludido e saturado pelo consumo; uma comunidade que experimenta a presença de Deus em um mundo secular.”¹⁶

John Stott, também sustenta o mesmo conceito de missão apresentado por Bosch e Vicedom. Ele acrescenta que a Missão

“... não é uma palavra que engloba todas as coisas que a igreja faz. Declarar que “a igreja é missão” soa bem, mas constitui um exagero. Pois a igreja é tanto uma comunidade de adoração quanto uma comunidade de serviço e, conquanto adoração e serviço façam parte um do outro, eles não devem ser confundidos... a “missão” inclui todas as coisas que Deus faz no mundo. Pois Deus, o Criador, está constantemente ativo em seu mundo em providência, em graça e em julgamento, muito além dos propósitos pelos quais ele enviou seu Filho, seu Espírito e sua igreja ao mundo. “Missão” abarca a dupla vocação da igreja de serviço de ser “o sal da terra” e a “luz do mundo”.¹⁷

Christopher White defende que a igreja precisa fazer uma correcta “hermenêutica missional” e não ignorar o Antigo Testamento quando o assunto é a fundamentação da missão. Por causa de uma visão reducionista, muitas igrejas tendem a fundamentar a missão no “Ide” de Mateus 28.18-20, mas ele alerta para o perigo e fragilidade de fundamentar a missão em apenas um texto. Para ele, “a Grande Comissão é uma tarefa que se expande e se reproduz continuamente, não um relógio em contagem regressiva para o fim dos tempos.”¹⁸ Por outro lado, tal como Stott e Bosch, White alerta para a necessidade de não reduzir a missão em termos evangelísticos, pois,

“... mesmo que concordemos em que o conceito de enviar e o de ser enviado estejam no cerne da missão, existe uma vasta gama de actividades sancionadas pela Bíblia, às quais o povo pode ser enviado por Deus para fazer, inclusive o alívio da fome, acções de justiça, pregação, evangelismo, ensino, cura e administração; no entanto, quando usamos a palavra missões e missionários, temos a tendência de pensar principalmente em termos de atividade evangelística.”¹⁹

¹⁶ Idem, 2014, p.259.

¹⁷ STOTT, John R. W. **A missão Cristã no Mundo**. São Paulo: Editora Candeia, 2008, p.30.

¹⁸ WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.33.

¹⁹ _____. **A Missão do Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012, p.30.

Portanto, o conceito de *Missio Dei* como já vimos, traduz-se na acção de Deus de “redimir toda a criação, destruída pelo pecado e pelo mal, tornando-a uma nova criação, povoada pelos redimidos de todas as culturas, através da cruz e da ressurreição de Cristo.”²⁰ Assim, a redenção de toda a criação, inclui também a redenção ecológica.

A QUESTÃO DA JUSTIÇA AMBIENTAL HOJE

Hoje, sem dúvidas, percebe-se que houve um grande avanço da ciência e da tecnologia como nunca antes. Entretanto, paradoxalmente o nosso planeta tem sofrido várias alterações ambientais a uma velocidade galopante. Como consequência deste avanço tecnológico, surgem atrelados a eles os impactos negativos como desflorestação, esgotamento dos recursos naturais, crise económico-financeira, fome, secas, incêndios florestais, aquecimento global, vulcões, terremotos, poluição dos solos e das águas, só para citar alguns. Esses fenómenos quase sempre estão relacionados com o mau cuidado ambiental.

Sem dúvidas, com o advento do capitalismo, o desejo desenfreado pelo lucro independente das consequências se tornou quase normalizado.

Pois, a consolidação do sistema capitalista no início do século XX foi marcada pela inovação na forma de produzir, que gerou acúmulo de capital e o crescimento económico. Um modo de produção avançado que utilizava mais tecnologias, mais recursos naturais e cada vez menos recursos humanos, apresentando como resultados: 1) altos investimentos tecnológicos; 2) alto consumo dos recursos naturais; 3) produção em massa; 4) optimização dos resultados financeiros; e 5) preços mais baixos dos itens de produção em massa, gerando continuamente novo consumo.²¹

Mas como é sabido, o fim último do capitalismo é o lucro a todo custo a despeito das consequências sócio-ambientais. Por isso, torna-se imprescindível abordar a questão da justiça ambiental, sobretudo em relação ao papel missional da igreja.

²⁰ _____. *As Cinco Marcas da Missão*: fazendo nossa a missão de Deus. Publicado por im:press, 2015, p.7.

²¹ BEZERRA, Ana K. Luz. *Justiça Ambiental*: história e desafios. 2018, p.4.

“... justiça significa muito mais do que uma lista de regras. Significa viver um relacionamento correto com os outros, com Deus, com os seres humanos criados à sua imagem e com a natureza. Ela define como devemos tratar os demais, que tipo de comportamento é bom e correto e qual não é...“Fazer justiça” é tratar os outros como seres de valor incomparável e respeitar os direitos que lhes foram dados por Deus. É amar o próximo como a si mesmo.”²²

A justiça ambiental, também chamada de “racismo ambiental”, é um conceito e ao mesmo tempo um movimento contestatório que surgiu nos EUA na década de 80, e que tem vindo a se expandir para outros países nos últimos anos. Inicialmente o termo se referia ao combate à “deposição de lixo tóxico e perigoso predominantemente em áreas de concentração residencial da população negra menos favorecidas.” Enquanto isso, os proprietários de tais empreendimentos habitavam em localidades livres desses impactos ambientais. Por isso, a temática da justiça ambiental traz à tona a necessidade de tratamento igualitário entre as classe sociais.

Dentre os fatores explicativos que contribuem para o racismo ambiental destacam-se: a disponibilidade de terras baratas em comunidades de minorias e suas vizinhanças; “a desinformação, que torna incerta a percepção da relação de causalidade entre a ação dos empreendimentos sobre o meio e os riscos produzidos para as populações;”²³ o desenvolvimento de políticas de conquista da simpatia das populações vizinhas aos empreendimentos a fim de evitar mobilizações que questionem suas condições de funcionamento; a falta de oposição da população local por fraqueza organizativa e carência de recursos políticos; a falta de mobilidade espacial das “minorias” em razão de discriminação residencial (geralmente as minorias têm falta de poder financeiro que as permita se deslocarem para áreas não poluídas); e, por fim, a baixa representação das “minorias” nas agências governamentais responsáveis por decisões sobre as deposições dos dejectos. Ou seja, os mais prejudicados tendem a ser os que menos influenciam nas decisões de impacto ambiental.²⁴

²² ALLEN, Scott David. **Por que a Justiça Social não é a Justiça Bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022, p.39,40.

²³ BEZERRA, 2018, p.9.

²⁴ ACSELRAD, Henri. **Justiça Ambiental e Construção Social do Risco**. p.7. Artigo.

Assim, no contexto da igreja podemos empregar o termo justiça ambiental para se referir à defesa do cuidado do meio ambiente e das populações marginalizadas que experimentam em seu entorno os prejuízos resultantes de políticas ecológicas prejudiciais, sejam públicas ou privadas.

Sem dúvidas, a injustiça ambiental “divide a sociedade entre os que sofrem os danos ambientais e os que deles conseguem escapar.”²⁵ Ela também promove a morte de rios e lagos, desflorestamento, o surgimento de doenças e mortes, “a expulsão das comunidades tradicionais pela destruição dos seus locais de vida e trabalho e a desproporção do impacto ambiental”²⁶ em que os menos favorecidos sofrem mais em relação aos mais favorecidos. Tudo isso e muito mais, configuram-se em consequências da injustiça socioambiental. Porém, em última análise, o descuido da natureza são apenas sinais e sintomas de uma cosmovisão distorcida do ideal divino.

Deus nos permite usar a terra e as árvores para comer frutas e construir abrigos, e os animais para obter alimento e roupa. A humanidade desfruta da prioridade na criação. Mesmo assim, com frequência somos predadores, orgulhosos e egocêntricos. Fomos chamados para administrar a terra; em seu lugar, passamos a explorá-la para obter ganhos egoístas sem considerar os propósitos de Deus. Pisamos sob nossos calcanhares outros seres humanos, incluindo-se as pessoas mais vulneráveis da sociedade. Atormentamos e exploramos os animais, tratamos o ar, plantas e o solo como se não houvesse amanhã.²⁷

A causa última de todas essas injustiças derivam do pecado. O “nosso pecado é má notícia, não apenas para a humanidade, mas para toda a criação.”²⁸ Para a infelicidade da criação, o homem preferiu desobedecer as orientações de Deus e assim, instalou-se o pecado. O pecado afetou o homem tão profundamente que suas ações em relação a Deus, ao próximo, a si mesmo e à natureza passaram a ser inconsequentes. Como consequência do pecado, a terra se tornou num ambiente de exploração, competição e luta pela sobrevivência.

²⁵ Idem, p.13.

²⁶ BEZERRA, 2018, p.2.

²⁷ SANDLIN, P. Andrew. **O cuidado com a criação:** Uma visão cristã do meio ambiente. Ed. Monergismo, Brasília, 2016, p.12,3.

²⁸ Idem, 2026, p.13.

Entretanto, “a boa notícia é que a má notícia não consiste na última notícia.”²⁹ Mesmo em meio a sentença de Deus contra a criação, ele mesmo providenciou os mecanismos de restauração da sua criação. Pois, do ventre da mulher nasceria Jesus, que pisaria a cabeça de Satanás, venceria o pecado e introduziria o começo da restauração da criação, incluindo a regeneração ecológica. “A bondade inerente da criação é essencial para a cosmovisão cristã e, por conseguinte, dita como os cristãos entendem a ecologia.”³⁰ A vitória de Cristo sobre o pecado inclui a

“reversão do primeiro juízo divino e uma bênção adicional: o poder concedido por Deus de nos desviarmos do pecado... a humanidade não é o único objeto da redenção de Deus. Paulo observa que até o meio ambiente “geme como em dores de parto” (NVI), esperando ser redimido da maldição imposta por Deus em razão do pecado da humanidade.”³¹

Portanto, a missão de Deus se resume na restauração de TODA sua criação. E, a Igreja é a instituição privilegiada para fazer parte desse projecto redentivo de Deus.

O PAPEL MISSIONAL DA IGREJA FRENTE À INJUSTIÇA AMBIENTAL

Então, qual deve ser o papel missional da igreja diante das injustiças ambientais?

A compreensão de muitos crentes sobre missões está muitas vezes reduzida à “salvação das almas”, viagens missionárias, abertura de campos missionários e à construção de igrejas. Mas essa é uma visão limitada e superficial, pois, missões não é apenas isso.

Depois de concluída a criação “Deus viu tudo quanto havia criado e eis que era muito bom.”(Gen.1.31a). Até hoje essas palavras ecoam contra as injustiças degenerativas da criação. É a voz que lembra ao homem a razão de ter sido colocado como o mordomo da terra. É o testemunho das Escrituras a respeito da avaliação final de Deus em relação a tudo quanto Ele havia criado.

²⁹ Idem, 2026, p.14.

³⁰ SANDLIN, 2016, p.7.

³¹ Idem, 2016, p.14.

E para preservar o estado de “muito bom” da criação, constituiu o homem como mordomo dela, dando-lhe a capacidade e a responsabilidade de governar e cuidar da terra – isso é chamado de Mandato Cultural. “O relacionamento prescrito por Deus para a humanidade e a criação é de interesse, cuidado e cultivo ativos e perpétuos”³² dentro dos limites preestabelecidos por Ele. Podemos dizer que a primeira ordem que Deus deu ao homem é de responsabilidade ecológica.

À luz disso, a Igreja tem o papel missional de propagar que um relacionamento inadequado com o meio ambiente provocará danos mútuos – à natureza e aos seres humanos. Se ferirmos o meio ambiente ele também nos ferirá. Se cuidarmos dele, ele também cuidará de nós. Fomos feitos de tal maneira que existe uma interdependência na criação. O ser humano jamais viverá bem se o ambiente estiver mal. A nossa sobrevivência depende do cuidado adequado do meio ambiente, e inclusive, nós somos parte integrante do ecossistema.

A igreja tem o papel missional de ser a voz dos que não têm voz nem vez. Mais do que isso, ela não deve se conformar e nem normalizar o convívio num ambiente poluído. Em todos os lugares onde os cristãos habitam deveria representar uma miniatura do Jardim, a começar pelas nossas casas. Elas precisam ser uma miniatura do Jardim e não a representação da Queda e do caos. Do mesmo modo, a Igreja deve representar a Renovação e não a degradação da criação. Mas lamentavelmente, em muitos casos a igreja está instalada numa comunidade com fortes índices de injustiça ambiental, em que o lixo é depositado indiscriminadamente e ela nada diz a respeito e nem faz algo para reverter a situação.

E quando a Igreja está situada em ambientes repletos de injustiças sócio-ambientais e não exerce a sua voz profética mas se acomoda e se cala, então ela legitima essa prática e se torna conivente no processo de degradação da sociedade e do ambiente praticados em tal lugar. Por isso, ela precisa reconhecer a sua responsabilidade de cuidar e propagar a importância do cuidado ambiental antes de esperar qualquer intervenção do Governo/Estado. Pois, é ela e não o governo que é a reserva moral da sociedade. Ela é uma comunidade regenerada.

³² Idem, 2016, p.8.

A igreja precisa ser a voz que ecoa para o retorno ao Jardim e não a voz que incentiva e propaga o caos da criação divina. O ser nova criatura implica em ser um homem novo com novas perspectivas sobre o cuidado da criação. Cuidar da criação não significa não usar os seus recursos, antes, significa usá-los de maneira equilibrada e sustentável. O cuidado do meio ambiente expressa o nosso interesse pelo resgate do Jardim. Aponta para a restauração da missão do homem, de ser o mordomo do Jardim de Deus.

A Igreja é a comunidade do Éden renovado, portanto, precisa eliminar os espinhos das injustiças ambientais para salvaguardar a beleza do Jardim. Deus chama a Igreja para ser a contracultura da cultura popular, para ser voz dissonante das vozes que apelam sutilmente pela exploração desmedida da natureza em nome do lucro. Deus em sua bondade propôs-se em restaurar a sua criação, e portanto, a igreja deve se opor à todo tipo de exploração injusta do ambiente. Reiteramos que a promoção da justiça ambiental não é papel fundamental do Estado – é papel da igreja, pois ela é a guardiã do Jardim.

A igreja precisa ser corajosa para fazer frente a todos os tipos de sistemas de opressão e estruturas que promovem injustiças socioambientais.

“A justiça de Deus, é encarnacional e precisa modelar a nossa vivência testemunhal a partir de um compromisso com os pequenos, os pobres e os vulneráveis... Deus é o Deus da justiça e disso nós precisamos para viver. A justiça de Deus não é um mero conceito, mas se torna realidade na vida de Jesus e na relação deste com os pobres e oprimidos, chamando-os para a experiência da restauração e libertação. A justiça de Deus é transformadora.”³³

O povo de Deus tem a vocação não só de experimentar a justiça de Deus, mas de se tornar o canal através do qual essa justiça se propaga no mundo. A justiça de Deus anda de mãos dadas com o seu amor. Portanto, “a redenção provida por Cristo deu início a um novo tempo, a uma era de cicatrização global e de reversão da maldição.”³⁴ Jesus Cristo é o nosso modelo de justiça. Jesus sempre defendeu os marginalizados.

³³ STEUERNAGEL, Valdir. **A Justiça Como Marca Da Missão**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). *O Deus da Justiça e a Justiça de Deus*. Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020, p.244,5.

³⁴ SANDLIN, 2016, p.15.

Ele não oprimiu, ele libertou, deu descanso aos cansados, curou os feridos, deu saúde aos doentes e nos ensinou que Deus também se importa com as aves e com as plantas do campo, e portanto, cuida da sua criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o conceito de *missio Dei* é fundamental para a Igreja compreender o seu papel missional. Se a Igreja estiver assentada sobre os fundamentos corretos também terá uma cosmovisão correta. Deus está a redimir toda a sua criação e, a igreja tem o privilégio não só de ser parte da criação e da redenção, mas também de ser um canal de redenção da criação.

A igreja, dentro do seu papel missional precisa promover a justiça ambiental porque ela é “nova criação” – a miniatura do Jardim restaurado; o princípio do cuidado da criação permanece o mesmo; a nossa sobrevivência depende da sobrevivência da natureza; os mais prejudicados nas questões ambientais são os grupos da periferia, os marginalizados e excluídos sociais e a igreja precisa emprestar a sua voz em favor dos que não têm voz.

A criação glorifica menos a Deus por causa das ações predatórias do homem, por isso, a igreja deve estar na linha da frente na luta contra a injustiça ambiental e desigualdade social, e não deve depender de programas dos governos para ser ecológica. Pelo contrário, é ela que deve pressionar o governo a pautar por práticas saudáveis de preservação e cuidado ambiental. E ao mesmo tempo, ela deve usar a sua voz para denunciar as instituições ou grupos que pautam por uma conduta ecológica que prejudica a criação e ameaçam a continuidade das espécies, porque “a justiça de Deus, revelada no evangelho, existe para preservação da vida e para o serviço amoroso ao próximo.”³⁵ E “o amor é o princípio de justiça.”³⁶

³⁵ QUEIROZ, Carlos. **A Justiça de Deus em Jesus**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). O Deus da Justiça e a Justiça de Deus – Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020, p.121.

³⁶ TILLICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**: análises ontológicas e aplicações éticas. Editora cristã novo século, S.P, 2004, p.52.

Por outro lado, a correta compreensão da teologia da missão deve deixar a igreja descansada sem se tornar relaxada. O facto de saber que a causa de Deus triunfará no final de tudo deve deixar a igreja descansada diante de um mundo em que o seu curso aparentemente aponta para a degradação irreversível. E por saber que a causa de Deus triunfará, a igreja deve empreender todos os seus recursos ministeriais em benefício do triúnfo da criação. Porque o fim da história não é o caos da criação mas a sua restauração. Mesmo que a igreja esteja num mundo decaído, os sinais da redenção são visíveis em toda a criação.

A correta compreensão da *Missio Dei* muda a visão apocalíptica da igreja, a medida que ela passa a entender que o Apocalipse não é a história do medo do fim, mas a história da alegria do recomeço. Não é a história da destruição, é a história da restauração. Não é a revelação de Satanás, é a revelação de Jesus Cristo. Não é a história de como tudo começa, é sobre como tudo termina. Não é sobre como o mal se instala, é sobre como o bem vence o mal. Isso devolve a esperança e uma perspectiva de vida muito melhor.

Onde quer que o cristão esteja e o que quer que ele seja chamado a fazer deve encarar sempre na perspectiva da Missão. Portanto, a compreensão da *missio Dei* desafia a igreja para um estilo de vida transformacional. A questionar todos os dias sobre como ela pode ser um agente de restauração e bênção nas circunstâncias em que se encontra, porque o senso de utilidade e propósito da igreja só faz sentido à medida que ela se alinha à vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Scott David. **Por que a justiça social não é a justiça bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022.

ACSELRAD, Henri. **Justiça Ambiental e Construção Social do Risco**. Artigo.

BEZERRA, Ana Keuly Luz. **Justiça Ambiental**: História e desafios. 2018

BOSCH, David J. *Missão Transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. 4ª Ed., São Leopoldo: Sinodal, 2009.

GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia*: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

IORIS, Antônio Augusto Rossotto. **O Que é Justiça Ambiental**. Resenha

KELLER, Timothy. *Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014

LIBARDONI, Marlene. **Fundamentos Teóricos e Visão Estratégica da Advocacy**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n o 2, 1999

LIDÓRIO, Ronaldo. *Missiologia Teocêntrica e Trinitária*: Observando a missiologia de Gisbertus Voetius e suas aplicações para os nossos dias. Artigo.

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou Colonização*: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

QUEIROZ, Carlos. **A Justiça de Deus em Jesus**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). O Deus da Justiça e a Justiça de Deus – Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020.

SANDLIN, P. Andrew. **O cuidado com a Criação**: uma visão cristã do meio ambiente. Ed. Monergismo, Brasília, 2016.

STEUERNAGEL, Valdir. **A Justiça Como Marca Da Missão**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). O Deus da Justiça e a Justiça de Deus. Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020.

TILICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**: análises ontológicas e aplicações éticas. Editora cristã novo século, S.P, 2004.

VICEDOM, Georg. *A missão como obra de Deus: introdução a uma teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WRIGHT, Christopher J.H. *A Missão de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. *A Missão do Povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

_____. *As Cinco Marcas da Missão*: fazendo nossa a missão de Deus. Publicado por im:press, 2015.

O ENGAJAMENTO DA IGREJA NA ARENA PÚBLICA NO CONTEXTO AFRICANO

Tomás Chumbe Messele¹

RESUMO

O crescimento fenomenal da Igreja africana traz consigo inúmeros desafios. É preciso intensificar o ministério de ensino e discipulado na igreja africana. Isto exige instrumentos adequados para atender trabalhadores, sociedade civil, pastores, seminaristas, teólogos, pregadores leigos e professores de educação cristã a fim de exercerem suas vocações na arena pública. Assim sendo, o artigo discorre a respeito da natureza da igreja na arena pública no contexto africano. O artigo enaltece uma teologia relevante para o contexto africano que emerge da realidade do próprio africano e que dá partida, no engajamento da igreja africana na arena pública considerando o contexto religioso, social, ambiental, político e econômico do povo africano.

Palavras-chave: Igreja Missional, Teologia Contextual, Impacto, Igreja Africana

ABSTRACT

The phenomenal growth of the African Church brings with it numerous challenges. It is necessary to intensify the ministry of teaching and discipleship in the African church. This requires adequate instruments to assist workers, civil society, pastors, seminarians, theologians, lay preachers and Christian education teachers in order to exercise their vocations in the public arena. Therefore, the article discusses the nature of the church in the public arena in the African context. The article praises a theology relevant to the African context that emerges from the reality of the African himself and that initiates the engagement of the African church in the public arena considering the religious, social, environmental, political, and economic context of the African people.

Keywords: Missional Church, Contextual Theology, Impact, African Church.

¹ Tomás Chumbe Messele, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Huambo-CBA, mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Batista do Huambo-CBA

INTRODUÇÃO

No decorrer de nossas aulas de Desafios em África Hoje e Restrospectivas Históricas, no curso de mestrado em missiologia, fomos desafiados em muitos aspectos da nossa atuação missionária ocidental como igreja em África. Esta atuação missionária ocidental de alguma forma tem gerado um cristianismo deslocado dos africanos e do contexto africano, dificultando o engajamento da igreja africana na arena pública. Reconhecemos e celebramos o envolvimento ocidental na expansão do Evangelho em África, por outro lado esse envolvimento deixou lacunas fortes no cristianismo africano, principalmente no exercício igreja como comunidade missional africana.

Estamos em uma época em que formar uma identidade africana além do colonialismo está no topo da agenda das igrejas e teólogos africanos. Hoje encontramos pessoas e nações em crise de identidade, é a identidade que define quem somos e o que podemos fazer. Segundo Nkrumah: “Nossa independência é carente de sentido se não for ligada à libertação de todo o continente africano”². O engajamento da igreja africana na arena pública, perde seu sentido quando ela é construída com viés do contexto ocidental ou de outro fora de África. Para que o engajamento da igreja africana na arena pública tenha sentido e identidade própria é preciso construí-la a partir do contexto africano com pensamentos de mentes africanas.

CONTEXTUALIZAÇÃO MISSIONAL

Há muitas práticas missionárias, convicções, suposições e modelos de mudança na África que não são mais pertinentes nos dias de hoje para os africanos. A negação geral da cultura e da personalidade africana, que aconteceu na chegada das missões ocidentais, roubou do cristianismo de África alguns dos seus fundamentos étnicos mais básicos e valiosos, os quais os cristãos africanos desejam recuperar, apesar de estarem um pouco perdidos na história.

² NKUMAH. **Luta de Classes na África**. Edições Nova Cultura. 2018, p. 14

Algumas características básicas das sociedades africanas como unidade familiar, matrimônio, parentesco, moralidade social e comunitário, além de conceitos sobre ética e justiça foram derrotados por forças seculares modernas que são hostis à sociedade africana e ao Evangelho de Cristo.

O cristianismo na África moderna está enfrentando muitas crises, parecendo incapaz de enfrentá-las porque não foram utilizadas certas características da cultura africana no estabelecimento do cristianismo em solo africano. “As igrejas africanas herdaram uma estrutura eclesiástica hierárquica, autoritária e burocrática dos missionários. Estas estruturas tenderam a arruinar o modo africano comunitário de vida. A recente ênfase pentecostal e carismática, baseada na perda da estrutura e na expressão religiosa espontânea, está agora dando origem a personalidade eclesiásticas poderosas e autoritárias”³. A procura por estruturas pertinentes que viabilizam o engajamento da igreja africana na arena pública, deve evitar aderir a forma das igrejas antigas quanto das novas igrejas pentecostais e carismáticas com vestes ocidentais.

Ao longo da história da igreja em África houve fatores que levaram a igreja em África a um modelo missional descontextualizado do povo africano, e isso gerou lacunas na missionalidade da igreja africana. Os preconceitos conceituais, históricos, culturais, espirituais e econômicos europeus geralmente colocam os africanos nos degraus mais baixos da escada do desenvolvimento humano. Além de ferir profundamente esses povos, transformou a fé cristã em África numa forma de reprodução e cópia, em última análise, sem raízes e sem alma. O cristianismo em África tornou-se uma religião aparentemente mais preocupada com a observação exterior de regulamentos e obrigações do que com convicção e transformação integral. A tese de fundo é que a teologia produzida no ocidente quando posta em contato com os africanos faz destes estranhos a eles mesmos, ou seja, eles precisam deixar de ser quem são para poder se encaixar nos modos do pensar ocidental.

Um dos pressupostos que contribui significativamente para o engajamento da igreja na arena pública é comunicação.

³ TAYLOR. **Missiologia Global para o século XXI**: A consulta de Voz de Iguaçu, p.380

A igreja africana precisa comunicar o evangelho, considerando as esferas de influência do povo em que vive, isto é, os aspectos culturais, religiosos, políticos, económicos, educacionais e sociais. Isso evitará com que os cristãos não:

“Subestimem a importância dos fatores culturais do seu povo na comunicação do evangelho. Alguns se preocupam tanto com a preservação da pureza do evangelho e das suas formulações doutrinárias que têm sido insensíveis aos padrões de pensamento e comportamento socioculturais das pessoas às quais proclamam o evangelho”⁴.

A Missão de Deus, realizada por meio do seu povo, sempre será exercida e desenvolvida em contextos específicos que possuem suas demandas e desafios específicos. Estudar tais contextos e desafios é uma tarefa imprescindível que deve ser levada a sério pela igreja na sua atuação missionária na arena pública. A contextualização se tornou um tema indispensável no estudo da Missiologia. Isso se aplica à leitura e interpretação das Escrituras. É conhecida a frase, atribuída ao teólogo suíço Karl Barth, que disse: “É preciso segurar numa mão a Bíblia e na outra o jornal”. Com isso queremos dizer que jamais devemos negligenciar o estudo das questões contextuais contemporâneas sempre em diálogo com a Palavra de Deus. Qual o risco de não se fazer isso? O risco é de uma mensagem colonizadora e descontextualizada, Segundo Lidório:

“Contextualizar o evangelho é traduzi-lo de tal forma que o senhorio de Cristo não será apenas um princípio abstrato ou mera doutrina importada, mas fator determinante de vida em toda sua dimensão e critério básico em relação aos valores culturais que formam a substância com a qual avaliamos o existir humano.”⁵

Contextualizar não é simplesmente fazer uma adaptação do Evangelho à cultura do povo receptor como se eles fossem um depósito bancário; ao contrário, é conhecer a cosmovisão do povo da melhor maneira, para conseguir conviver e comunicar-se de forma que o Evangelho todo penetre e transforme cosmovisões, valores, relacionamentos, costumes, e as esferas de influência do povo, de acordo com a vontade e as promessas de Deus para a humanidade. Segundo Wright:

⁴ NICHOLLS. **Contextualização**: uma teologia do evangelho e cultura. 1983, p. 7

⁵ LIDÓRIO. **Comunicação e Cultura**: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural. 2014, p. 25

“Não podemos separar a humanidade do seu ambiente natural da terra. Fomos criados como parte dele e fomos criados para cuidar dele. O que quer que façamos na terra, seja bem ou mal, terá um impacto ecológico, devido à integração entre a vida humana e todas as outras vidas na terra, colhemos consequências das nossas ações”⁶.

A despreocupação com a contextualização torna o engajamento da igreja infrutífera, em vez de manifestar do reino de Deus na sociedade, ela se torna colonizadora, não se importando com o povo à sua volta. Essa despreocupação contextual faz com que: “encontramos templos de cimento para culturas de barro, pianos de calda para povos de tambores, terno e gravata para os de túnica e turbante, sapatos engraxados para pés descalço, estamos preocupados em exportar nossas culturas que esquecemos de apresentar o evangelho de Deus”⁷.

Precisamos entender o contexto e a cultura africana, para levar uma mensagem que realmente transforme, sem deixar, de forma alguma, de ser totalmente bíblica, a fim de transmitir Cristo de forma compreensível para as pessoas dentro das culturas e dos contextos que elas pertencem. Sabemos quão necessário é que a palavra de Deus alcance a nossa sociedade de forma geral: a família, a escola, a cultura, o trabalho, e os outros segmentos da sociedade.

“A igreja em África tem crescido bastante nos últimos anos diferentemente de outros continentes, embora esse crescimento seja em expansão e fraco na transformação de vidas e no ensino bíblico e contextualizado”⁸. Para que a igreja africana tenha impacto na arena pública em África precisará encarnar a Missão restauradora e redentora de Cristo, precisará criar metodologias e estratégias missionais, de fazer conhecido o Evangelho todo, que transforma o africano e a realidade de África. Construir ou seguir esses parâmetros com pensamentos eurocêntricos é como tirar um peixe do mar e colocá-lo no aquário, ele já não será o mesmo, ou seja, perderá a sua essência. É necessário pregar o evangelho todo ao africano todo, tendo em conta os desafios e inquietações de África.

⁶ WRIGHT. **A Missão do Povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. 2012, p.69

⁷ LIDÓRIO. **Sal e Luz**- Compreendendo, Vivendo e praticando a Missão. pg. 30

⁸ MBEWE. **O Projecto de Deus para a Igreja**: um guia para pastores e líderes africanos. 2022, p.15

Para tanto, precisamos levar o Evangelho de forma que cause impacto na arena pública. Nossa Missão não pode estar distanciada ou isolada da cultura e do contexto humano. O Evangelho não foi enviado ao mundo por um desejo divino desconectado da realidade humana, mas como solução divina perante a morte da humanidade e da natureza criada, sendo assim a condição humana caída e o universo amaldiçoado são as principais preocupações da igreja para no seu engajamento na arena pública, e Ela precisa ser contextual, para apurar as questões da atualidade e discuti-la, à luz do plano redentivo de Deus.

A IGREJA COMO COMUNIDADE MISSIONAL NA ÁFRICA

Ao longo da história da Igreja africana, o conceito predominante de Missão se configurava na direção do cristão ao perdido, como se o alvo de Deus fosse somente o perdido. Este pensamento dicotomizou e corrompeu a ação missionária da igreja em África e desencadeou uma triste realidade da igreja africana, porque hoje em toda África podemos ver um crescimento numérico de cristãos ou de igrejas (templos), mas pouco fruto e profundidade ou maturidade dos cristãos. A Missão é de Deus, ela envolve o mundo, a igreja e tudo que está relacionado nesta perspectiva. O engajamento da igreja na arena pública (mundo), não se configura em ganhar almas, porque o mundo não é composto por almas penadas, ele é composto por pessoas que têm origens, cultura, histórias, que são vendedores, trabalhadores, artistas, políticos, religiosos, médicos, esportistas, professores, empresários, engenheiros, agricultores.

O ponto de partida da igreja na arena pública, não pode ser o seu crescimento numérico, mas sim a manifestação e a propagação do reino de Deus, que consiste em paz, justiça, amor e alegria no Espírito Santo. Para que a igreja africana se engaje fielmente na Missão de Deus nesta sociedade contemporânea, ela precisa ter uma chave hermenêutica missional na sua leitura bíblica, que lhe possibilita olhar para a realidade ao seu redor e discerni-la à luz da Missão de Deus, no que Deus está a fazer e quer fazer no mundo à sua volta. Isto significa ler cada parte da escritura:

“À luz do propósito de Deus para toda a criação, incluindo a redenção da humanidade e a criação dos novos céus e da nova terra; à luz do propósito de Deus para a vida humana em geral no planeta, e de tudo o que a Bíblia ensina sobre a cultura

humana, sobre relações sociais, econômicas e políticas, sobre ética e comportamento; à luz da eleição histórica, por Deus, do Israel do Antigo Testamento, sua identidade e seu papel em relação às nações, e as exigências que ele fez quanto à sua adoração e sua ética; à luz da centralidade de Jesus de Nazaré, sua identidade messiânica e sua missão em relação ao Israel do Antigo Testamento e às nações, e de sua cruz e sua ressurreição; à luz do chamado de Deus para a igreja, a comunidade de judeus e gentios crentes, que constitui o povo da aliança com Abraão, para ser agente da bênção de Deus para as nações em nome e para a glória do Senhor Jesus Cristo”⁹.

A vida da igreja africana na arena pública, precisa ser é um reflexo da Missão de Deus no mundo e para o mundo. Tudo o que a igreja como comunidade missional faz, seja em serviço, em proclamação e adoração deve estar vinculada ao que Deus fez e está a fazer no mundo. Quando a igreja gera impacto transformacional na arena pública ela se torna uma comunidade missional, que não somente se reúne aos domingos ou sábados, mas que está nas praças e mercados, nas escolas e faculdades, nos governos e nas empresas, nos hospitais e nas casas, que está em toda a parte onde se regista a presença humana, onde cada um vive de forma redentora refletindo a glória de Deus e fazer convergir em Cristo todas as coisas.

“A igreja que se engaja na arena pública, se envolve na sociedade civil, seus membros devem estar preparados para trabalhar ao lado dos membros da sociedade civil que não são membros da igreja, e podem até representar diferentes afiliações religiosas, como a Religião Tradicional Africana ou o Islã. Ao reunir-se na sociedade civil, o objetivo não é debater as diferenças religiosas, mas trabalhar juntos para combater um mal como a corrupção e o nepotismo, ou para realizar ações que promovam o bem comum e traga o Shalom de Deus na cidade, ou seja, a prosperidade e o bem-estar de toda a comunidade”¹⁰, por exemplo:

“Em partes da Nigéria, líderes cristãos e muçulmanos trabalharam juntos para acalmar a hostilidade gerada pela violência inter-religiosa e criar oportunidades para jovens cristãos e muçulmanos se encontrarem regularmente em termos amistosos, digamos, num clube esportivo. Igrejas cristãs criaram campos de refugiados que oferecem abrigo a famílias muçulmanas deslocadas pela violência religiosa.

⁹ WRIGHT. **Reformado quer dizer Missional**, p.13

¹⁰ AGANG. **Teologia Pública Africana**. 2022, p.150

Na África do Sul, grupos com valores muito diferentes se uniram como co-beligerantes para combater o apartheid¹¹.

Esses actos são exemplos de ações do engajamento da igreja na arena pública no contexto africano em tempos de crises. O mundo em que vivemos está em crise, enfrentamos crises culturais, crises morais, crises em todas as esferas da sociedade, e a igreja precisa discernir essas crises como oportunidade. Segundo Bosh: “a crise é o ponto onde o perigo e a oportunidade se encontram. Entretanto, só podemos fazer justiça à nossa elevada vocação se reconhecemos a presença tanto do perigo quanto da oportunidade e executamos nossa missão dentro do campo de tensão engendrado por ambos.”¹² Se olharmos a crise como uma moeda de dois lados, perceberemos um fio de esperança do outro lado da moeda, como bem disse a Analzira: “as crises oferecem à comunidade possibilidades de confrontação, viabilizam novas escolhas e tornam-se necessárias para que o novo possa emergir”¹³.

A vida da igreja e seu engajamento na arena pública estão intimamente conectadas ao plano cósmico-redentor de Deus para o homem e sua criação, ao se engajar na arena pública a igreja participa da narrativa histórica de Deus no mundo de Deus, vivendo com alteridade e integridade influenciando todas as esferas de influência da sociedade quer seja, política, social, económica, educacional, saúde e artística.

A Missionalidade da igreja deve ser holística, isto é, deve ser abrangente e inclusiva que alcança o homem e tudo à sua volta. O engajamento da igreja africana precisa ser coerente, ampla e profunda quanto o são as necessidades e as exigências humanas do seu povo. A igreja africana como comunidade missional, não faz apenas perguntas que os crentes, teólogos e as igrejas fazem, mas também lida com as aspirações e paixões do continente africano, trabalhando para combater os demônios mais obscuros do continente, má-governança, corrupção, injustiça socioeconômica, competição religiosa, conflitos tribais e étnicos e dominação política.

¹¹ Ibid, p.150

¹² BOSH. Missão Transformadora: **Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão**, p.24

¹³ NASCIMENTO. **Evangelização ou colonização?** o risco de fazer missão sem se importar com o outro, p. 18

Antes da queda, o homem vivia em perfeita harmonia, com Deus, a beleza pairava sobre a criação. O homem tinha prazer no seu trabalho, na sua família e no que estava à sua volta. No jardim do éden Deus se relacionava de maneira plena com o homem. A queda do homem causou a sua separação com Deus, o caos agora paira sobre a criação, e o trabalho se tornou um fardo. Segundo Wright.

“A desobediência e a rebelião do homem para com Deus, trouxeram resultados desastrosos sobre a criação de Deus. O mal e o pecado se entrelaçaram em cada aspecto da criação de Deus e em cada dimensão da personalidade humana na terra. Na dimensão física, estamos sujeitos a decadência e morte vivendo em um ambiente poluído e caótico. Na dimensão intelectual, usamos nosso poder de racionalidade para explicar, desculpar e normalizar os nossos pecados. Na dimensão social, cada relacionamento foi corrompido, o parteno, materno, conjugal, familiar. Na dimensão espiritual, fomos separados de Deus porque todos pecaram e destituído estão da glória de Deus”¹⁴.

Na dimensão ambiental vemos a degradação do Meio Ambiente, como poluição das águas, caça ilegal de animais, desflorestação e crise ambiental. A Bíblia nos oferece o Evangelho que trata cada dimensão do problema criado pelo pecado. Timothy Keller no seu livro, “Igreja Centrada, no Cap.11 A Tensão da Cidade”¹⁵. Ele fala que a igreja é chamada a participar do dia a dia da cidade, Keller faz referência do texto de (Jeremias 29.1-7). Quando o povo judeu foi deportado para Babilónia e Deus deu a eles uma Missão, de como o seu povo deveria viver no meio da Babilónia. Resumo aqui alguns aspectos desta Missão, que entendemos ser parte da natureza da igreja que se engaja na arena pública do seu contexto.

Iº. Construam casas e habitam nelas: naquele contexto construir casas dizia ser, pertencer, exercer cidadania em um lugar. Como cooperadores de Cristo, a igreja em África precisa exercer sua cidadania, exercer cidadania é respeitar direitos e deveres, é respeitar a constituição do país, Deus chama seu povo para serem cidadãos excelentes/exemplares do país em que vivem, trabalhando pela justiça, amando e servindo a cidade com palavras e obras, pela segurança e pela paz.

¹⁴ WRIGHT. *A missão do Povo de Deus*, p.50

¹⁵ KELLER. *Igreja Centrada*, p.162-174

O conceito de shalom do Antigo Testamento, a palavra hebraica para “paz,” abrange noções de cura, integridade e unidade de relacionamentos. O shalom é ameaçado pelo pecado e pelo mal. Na África, essa ameaça muitas vezes vem na forma de corrupção, guerras, fome, rejeição, que atuam contra o bem comum de toda a sociedade, a igreja precisa proclamar a vida, morte e ressurreição de Cristo, que tornam possível a libertação dessas ameaças.

IIº. Casem-se e tenham filhos e filhas: o texto fala sobre construir família, a família é uma das melhores maneira de expressar Deus, pois Deus existe em comunidade, como evidenciado pelos relacionamentos dentro da Trindade e Ele estende a mão para além de si mesmo para cuidar de toda a criação. Essa mesma atitude deve formar o senso de responsabilidade da igreja África ao se engajar na arena pública. “Não devemos ser como Caim que negou a sua responsabilidade de cuidar do seu irmão, mas devemos obedecer a Cristo e amar nosso próximo como a nós mesmos. Ao fazer isso, construiremos a comunidade humana edificada em Cristo e veremos o próximo não como um extra-opcional, mas como parte do que significa ser como Deus. Pois todos os seres humanos carregam a imagem de Deus e são dotados de direitos e responsabilidades na criação”¹⁶. Isso implica que a dignidade humana de todos deve ser respeitada. O mandato de Deus sobre a Igreja em Missão, é ser exemplar não pelo que têm, mas pelo que são, filhos de Deus.

IIIº. Busquem a prosperidade da cidade: Deus chama o seu povo não somente para viver aqui nesta terra e esperar ir para os céus, mas para trabalhar abundantemente no desenvolvimento social, económico, político e espiritual da cidade, se envolvendo no dia a dia da cidade e trazer uma harmonia ambiental na cidade que vive, manifestando o reino dos céus.

Segundo Stott “a Igreja tem uma dupla responsabilidade cultural em relação ao mundo que vive, por um lado a Igreja deve viver, servir e testemunhar no mundo os propósitos de Deus em todas as coisas criadas, por outro a Igreja deve evitar se contaminar com as ideias que corrompem a criação e desumanizam a humanidade”¹⁷.

¹⁶ AGANG. **Teologia Pública Africana**. 2022, p.155

¹⁷ STOTT. **O discípulo Radical**, p.13

Para impactar as esferas de influência do seu tempo a igreja africana deve viver como um povo redimido, se cremos que o Evangelho oferece a verdadeira narrativa do mundo, e estamos, portanto, empenhados em moldar nossa vida inteira em conformidade com Ele, então nos envolveremos de facto com a narrativa de Deus que está a acontecer ao nosso redor. Vivenciaremos as Boas Novas do Reino de Cristo como a alternativa crível ao modo de vida de nossos contemporâneos, convidando-os a deixar as crenças idólatras da narrativa cultural e a compreender o mundo e viver nele segundo à luz do Evangelho de Cristo.

Goheen, em seu livro “Introdução à cosmovisão cristã,”¹⁸ apresenta uma abordagem bíblica, de como a igreja pode se engajar na arena pública e impactar as esferas de influência da sociedade, que estão inundadas de corrupção, abuso, mentira, negligência, racismo. E como uma comunidade que se engaja na arena pública, a igreja africana precisa discernir as crises e gemidos do mundo à sua volta como uma oportunidade para manifestar o plano redentor de Deus nestas esferas de influência, como:

Economias e Negócios: comprar e vender eram tão comuns no Antigo Testamento como são hoje. É difícil trabalhar com integridade dentro de uma estrutura com objetivos errados: uma empresa que funciona desafiando os princípios bíblicos provavelmente será um lugar muito difícil para um cristão dedicado. Para se engajar na arena pública no contexto africano a igreja, deverá apoiar práticas justas nos negócios, deverá se concentrar no desenvolvimento de empresas locais que encarnando princípios bíblicos contribuem para o desenvolvimento socioeconômico da sociedade, deverá se preocupar com a falta de desemprego ao seu redor e buscar políticas ou criar fórum próprios para a criação de negócios, primando sempre por negócios justos que glorifiquem a Deus e abençoe a sociedade.

Política: o governo procede de Deus, mas o drama bíblico nos convoca a fazer o que pudermos para conduzir a política de tal maneira que glorifique a Deus e abençoe todos os povos.

¹⁸ GOHEEN e BARTHOLOMEW. *Introdução à cosmovisão cristã*, p.215-220

Não se trata de politizar o Evangelho de Cristo, pois ele não é de esquerda nem de direita, o Evangelho é de Cristo, que É tudo em todos e sobre todos. Para se engajar na arena pública no contexto africano a igreja, precisará buscar justiça pelos injustiçados, oprimidos, empobrecidos por causa dos sistemas do seu mundo que desumanizam a pessoa. Para se engajar na arena pública no contexto africano a igreja, precisará ser a voz profética na arena pública, não se conformando com as injustiças e corrupção, mas confrontar com a verdade e criar fórum de diálogo para apontar caminhos para se fazer melhor política.

Esportes e Competição: esportes, atividades desportivas e competição são, portanto, bons quando vistos como um dos aspectos válidos do mundo de Deus e quando estão em conformidade com o propósito de Deus na criação, mas podem facilmente se tornar ídolos, assumindo uma posição de adoração que por direito pertence a Deus.

Criatividade e arte: historicamente, a igreja tem uma grande tradição de arte e criatividade. A própria bíblia contém muita literatura extraordinariamente bela em forma de poesias, parábolas, narrativas mágicas e cômicas, biografias. No passado a Igreja foi o centro da criatividade artística, em que manuscritos decorados e iluminados, pinturas esculturas, vitrais, poesia e peças teatrais, literatura, música e arquitetura se uniram para proclamar a glória de Deus. É um rico legado que precisamos recuperar, precisamos reconhecer as possibilidades da criatividade em todas as diferentes áreas de nossa vida, é verdade que nem todos somos chamados a ser artistas, mas somos chamados a ser criativo e apreciar a arte.

Mundo acadêmico: os acadêmicos cristãos em África deverão trabalhar para arrancar as teorias de seu solo idólatra e replantá-las no solo do Evangelho, onde podem se desenvolver de forma mais frutífera. Os acadêmicos cristãos deverão tentar fazer distinção entre descobertas e estruturas da criação e tendências religiosas idólatras em todas as teorias, em suas próprias inclusive, trabalhando com humildade, fidelidade e devoção a fim de redirecionar o trabalho teórico para que esteja alinhado com uma cosmovisão bíblica.

Educação: para oferecer um testemunho educacional que seja de fato íntegro e relevante, precisamos afirmar que nossa visão da educação está alicerçada em uma cosmovisão muito diferente daquela da cultura ao redor, uma que gera compromissos de fé fundamentalmente diferentes. A tarefa da igreja em África será de questionar e debater-se com a tradição educacional que se desenvolveu em nossa cultura, buscando traduzir fielmente o Evangelho e suas implicações para educação nesse ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O continente africano está inundado por corrupção, injustiça, poluição e violência, Deus chama a sua Igreja não para atacar a cidade, não para serem indiferentes, não para desprezar nem fugir, mas para buscar a paz, a prosperidade e amar a cidade. Fazer o bem e trabalhar para cidade é a natureza da igreja como comunidade missional. Querer o bem, servir e orar pela cidade não apenas revela o amor e a compaixão de Deus, mas edifica o povo de Deus que leva a mensagem do Evangelho. A natureza, as faculdades, as famílias, os seres humanos, os governos, os hospitais, as economias, anseiam com grande expectativa a manifestação dos filhos de Deus – a igreja de Cristo que está em Missão. Cada pessoa se refugiando nas drogas é um gemido, a política, a educação, a saúde, a economia gemem não só por novas ideias e filosofia, mas por restauração e redenção. Na medida que a igreja como comunidade missional encarnar em si a Missão de restauração e redenção, todas as coisas vão convergir em Cristo. Esta é uma das perspectivas da igreja missional no contexto africano hoje, não só hoje, mas até Cristo voltar, onde todos cristãos são missionários, cooperadores do que Deus está fazendo neste século. É assim que vive e age a igreja que se engaja na arena pública do seu contexto!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGANG, Bobai Sunday. **Teologia Pública Africana**. Carlisle/Cumbria: Langham Publishing, 2022.

GOHEEN, Michael e BARTHOLOMEW, Craig. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na interseção entre a cosmovisão bíblica e contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Comunicação e Cultura: a antropologia aplicada ao desenvolvimento de ideias e ações missionárias no contexto transcultural**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MBEWE, Conrad. **O Projecto de Deus para a Igreja: um guia para pastores e líderes africanos**. São Paulo: Fiel, 2022.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro**. Viçosa. MG: Ultimato, 2015.

NICHOLLS, J. Bruce. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

NKRUMAH, Kwame. **Luta de Classes na África**. Edições Nova Cultura, 2018.

WRIGHT, J. H. Christopher: **A Missão do Povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

STOTT, Jonh. **O discípulo Radical**. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

TAYLOR, William. **Missiologia Global para o século XXI: A consulta de Foz de Iguaçu**: Londrina. Descoberta, 2001.

“Igreja e Sociedade: Alianças de Missão e Compromisso Social”

Jason Castro de Carvalho¹

Analzira Pereira Nascimento

Resumo

Este artigo explora o conceito de Missio Dei, destacando sua importância teológica e prática para a responsabilidade social e a restauração da dignidade humana. A Missio Dei, entendida como a missão de Deus no mundo, convoca a Igreja a participar ativamente na obra divina de redenção e reconciliação, não apenas no âmbito social, mas também na restauração integral da humanidade. O Instituto Prá Viver Melhor serve como um caso exemplar, onde a ação social se alinha com a missão de restaurar a dignidade humana e promover a justiça social. Este estudo analisa como a teologia da Missio Dei pode orientar a Igreja contemporânea em sua missão de promover uma transformação holística, abrangendo aspectos sociais e econômicos.

Palavras-chave: Missio Dei, responsabilidade social, justiça social, transformação holística.

Abstract

This article explores the concept of Missio Dei, highlighting its theological and practical importance for social responsibility and the restoration of human dignity. Missio Dei, understood as God's mission in the world, calls the Church to actively participate in the divine work of redemption and reconciliation, not only in the social realm but also in the integral restoration of humanity. The Instituto Prá Viver Melhor serves as an exemplary case where social action aligns with the mission to restore human dignity and promote social justice. This study examines how the theology of Missio Dei can guide the contemporary Church in its mission to foster holistic transformation, encompassing social and economic aspects.

Keywords: Missio Dei, social responsibility, social justice, holistic transformation.

¹ Jason Castro de Carvalho: Bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. São Paulo – Brasil, ORCID:0009-0007-6791-7218.

Analzira Pereira Nascimento: Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e do Programa de Mestrado do Seminário Teológico da Convenção Batista de Angola. Email: analziramissao@gmail.com. ORCID: 000-00002-1182-192619

Igreja e Missão

Usa-se e muito, o vocábulo missões como definição de uma ampla evangelização denominacional, mas para uma referência ao extraordinário de Deus, recorro ao termo “Missio Dei”, estabelecido pela comunidade evangélica internacional na Conferência Missionária de Brandemburgo, em 1932. Missio Dei é uma expressão latina que quer dizer: Missão de Deus. A teologia da Missão inicia-se com Deus. Dela fazem parte as histórias da criação, queda, redenção, revelação do Deus encarnado e a salvação. Através da história da humanidade, vemos a Missão de Deus provendo meios e até pessoas, para que a mensagem redentora possa chegar a todos os povos e nações. Na compreensão geral que temos a partir dos dicionários da língua portuguesa, missão é um encargo, uma incumbência, um propósito, um compromisso, um dever e até mesmo uma obrigação a executar. No período da colonização, a missão era entendida como o deslocamento das potências ocidentais às colônias, especialmente do Oriente, da África e da Ásia.

O principal objetivo era “cristianizar” e civilizar. Neste caso, a superioridade militar e econômica do ocidente traduziu-se em superioridade cultural. Os povos “descobertos”, foram categorizados como inferiores, por isso deveriam ser civilizados à moda do ocidente. Nesta visão, a expedição político-militar e o cristianismo caminhavam ombro a ombro. Bosch afirma que “os críticos da missão geralmente partem da suposição de que missão era apenas o que os missionários ocidentais estavam fazendo em termos de salvar almas, plantar igrejas e impor seus métodos e vontades a outros”. (BOSCH, 2002, p. 618). Neste quesito, expandir igrejas locais ou uma denominação específica, viajar para outros países e culturas, vem a ser a condição de qualquer empenho missionário e o teste e critério final do que seja verdadeiramente missionário. Essa concepção confunde o princípio e o alcance da missão.

Segundo Christopher J. H. Wright, a palavra missão é de raiz Latina (*missione*), e traz a noção de enviar ou ser enviado. (Wright, 2014, p. 29).

A relação fundamental entre cristologia e soteriologia, a qual foi crucial durante os primeiros anos do cristianismo, tornou-se menos clara sob todas as mais variadas condições. Missão constitui a parte central da teologia cristã.

Biblicamente falando, quer no Velho ou no Novo Testamento, como o movimento missionário observado no livro de Atos, vemos Deus chamando e enviando personalidades nos vários momentos e estágios da comunidade judaico-cristã. Portanto, definir a missão corretamente exige a compreensão da sua natureza. As conferências missionárias têm desempenhado um papel extremamente vital na evolução e revolução do pensamento missionário. Mudanças foram ocorrendo, tanto na teologia bíblica como na teologia sistemática, levando os missiólogos à reflexões e tratados em conferências com o intuito de trazer à superfície uma compreensão teológica e bíblica da missão.

Bosch, cita em seu Livro *Missão Transformadora* a conferência missionária de Brandeburgo, em que Karl Barth, foi o primeiro teólogo a articular a missão como atividade de Deus. (BOSCH, 2002, p.466).

O desenvolvimento desta nova compreensão da missão levou a confessar que só através de um ato criativo de Deus seu Reino será consumado, no estabelecimento final de um novo céu e uma nova terra. (Bosch, 2002, p.466-467).

A missão é o que caracteriza a nossa fé como Igreja de Cristo. De outro modo seria negar sua própria razão de ser. Pois a fé cristã vê todas as gerações da terra como objeto da vontade salvífica e do plano da salvação de Deus. Nos termos do Novo Testamento, o Reinado de Deus veio em Jesus Cristo como destinado a toda a humanidade. Assim, a missão é entendida em termos de relacionamento dinâmico entre Deus e o mundo. Bosch afirma que:

"A Bíblia não deve ser tratada como um depósito de verdades às quais poderíamos recorrer aleatoriamente. Não há "leis de missão" imutáveis e objetivamente corretas às quais a exegese da Escritura nos daria acesso e que nos proporcionariam esquemas que pudéssemos aplicar em cada situação. Nossa prática missionária não é realizada em continuidade ininterrupta com o testemunho bíblico; ela é um empreendimento inteiramente ambivalente executado no contexto da tensão entre a providência divina e a confusão humana. O envolvimento da igreja na missão permanece um ato de fé sem garantias terrenas." (BOSCH, 2002, p. 27).

Neste contexto, o existir cristão é um existir missionário. Não pela proclamação universal do Evangelho, mas através da universalidade do evangelho que ele proclama. Assim sendo, a natureza da missão está baseada no próprio evangelho, na universalidade da salvação e na indivisibilidade do Reino de Deus.

A responsabilidade Social da Igreja

“Fazei o bem a todos”. Na maior parte da história da igreja os cristãos entenderam que o socorro aos sofredores era uma parte importante da sua vocação no mundo. Eles não acreditavam que havia qualquer conflito entre essa preocupação e outros interesses da vida cristã. Foi somente no século 20 que o envolvimento social da igreja se tornou um ponto de discórdia, rompendo o consenso que havia imperado por longo tempo. Vale a pena considerar alguns aspectos dessa questão.

O Antigo Testamento está repleto de preceitos e narrativas referentes à temática social. As figuras do pobre, do órfão, da viúva e de outras pessoas em situação de desamparo povoam as Escrituras Hebraicas. A lei de Moisés continha dispositivos que iam além do mero atendimento de necessidades imediatas, criando condições para que houvesse menor desigualdade na sociedade de Israel. São exemplos disso a lei da rebusca (Lv 19.9,10; 23.22; Dt 24.19-21) e o ano de jubileu (Lv 25.8-34). Quando se chega à literatura profética, em especial aos “profetas éticos” do oitavo século a.c. (Isaías, Oséias, Amós e Miquéias), a justiça, a misericórdia e a generosidade no trato com os sofredores se tornam um tema dominante.

Jesus retomou e aprofundou essas preocupações. Numa época em que a religiosidade judaica havia se cristalizado em torno de três práticas formais; esmolas, oração e jejum. O Senhor corrigiu algumas distorções vigentes, ensinando que a prática da caridade deveria ser humilde, desinteressada e motivada pelo amor (Mt 5.7; 6.1-4; 7.12). Ao anunciar o evangelho do reino, Ele apontou como uma de suas características a sensibilidade diante da dor alheia e a prontidão em assistir os desafortunados.

Ele mostrou isso de modo magistral por meio de alguns de seus ensinamentos mais apreciados, como a parábola do Bom Samaritano (Lc 10.30-37) e a inquietante história do Grande Julgamento (Mt 25.31-46). Na mente das primeiras gerações de cristãos ficou a imagem de Jesus como alguém que passou pelo mundo fazendo o bem (At 10.38). O ensino apostólico colocou a beneficência no centro da vida cristã – a misericórdia ou benignidade é um dos dons espirituais e um fruto do Espírito (Rm 12.8; Gl 5.22); deve-se fazer o bem a todos, a começar dos irmãos (Gl 6.9-10); a solidariedade deve ir além das meras palavras, para manifestar-se em ações concretas (Tg 2.15,16; 1 Jo 3.17,18). A própria instituição do diaconato testemunha sobre a importância desse aspecto da vida cristã.

Os primeiros cristãos atribuíam grande valor à prática da misericórdia. A hospitalidade e as ofertas para fins caritativos eram generalizadas entre os fiéis. Um documento da época afirma; “O jejum é melhor que a oração, mas as esmolas melhores que ambos”. (2 Clemente 16). A epístola conhecida como 1 Clemente fala de cristãos que se vendiam como escravos para poderem socorrer os necessitados. Quando surgiam epidemias, os fiéis não deixavam de dar assistência aos enfermos e de sepultar os mortos. As viúvas, os órfãos, os enfermos e as crianças recebiam especial cuidado.

Em períodos de grave conturbação social, como nos estágios finais do Império Romano, a igreja era a única instituição que estava preparada para ajudar as populações afligidas. Um desdobramento preocupante ocorreu ainda no período antigo e se aprofundou na Idade Média – o entendimento de que a pobreza e a caridade tinham um valor meritório diante de Deus. Isso acabou desvirtuando as motivações que levavam muitas pessoas a se desfazerem dos seus bens e a socorrerem os necessitados. Além disso, uma atitude fatalista em relação à pobreza involuntária impedia que os pobres superassem a condição em que viviam. Apesar dessas mazelas, a história desse longo período atesta o profundo envolvimento dos cristãos com seus semelhantes.

Um aspecto interessante da história posterior do protestantismo é que os períodos de revitalização espiritual foram marcados por intensa preocupação social. Isso se deu com o pietismo alemão, e com os grandes despertamentos norte-americanos. Todos esses poderosos movimentos se voltaram intensamente para questões práticas como educação, missões e beneficência. Esse consenso dos evangélicos em torno da compatibilidade entre a vida espiritual, a evangelização e o serviço cristão viria a ser questionado ao longo do século 20. Portanto à luz do ensino bíblico, do exemplo de Cristo e das lições da história, os cristãos não podem ignorar o desafio social. Como a justiça social é uma das implicações do evangelho, evitar essa área acarreta sérias dificuldades para a consciência cristã e para o testemunho cristão. O fato de alguns movimentos terem tido problemas nessa abordagem não isenta os cristãos da sua responsabilidade. Ao contrário, num mundo afligido por tantas situações que atentam contra a vida, a dignidade e o bem-estar dos seres humanos, é de suma importância que os cristãos redobrem os seus esforços no sentido de seguir os passos daquele que “andou pela terra fazendo o bem”.

A Igreja que responde aos desafios da comunidade onde está inserida

No Instituto Prá Viver Melhor, projeto dirigido pelo Pr. Mozart Barbosa Alves, da Igreja Batista Parque das Flores, no Bairro Morro do Sabão, extremo leste de São Paulo, com e cerca de 150 membros, a igreja realiza um belíssimo trabalho de ajuda à comunidade cujo público-alvo são: crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de alta vulnerabilidade social, moradores na região leste de São Paulo, divisa com Mauá. O projeto também atende diariamente com almoço para 450 pessoas carentes, feito por Funcionários e alguns voluntários, pois hoje o local se tornou uma ONG e um ponto social da Secretaria de Direitos Humanos da Cidade de São Paulo, onde recebe uma verba anual para manter o projeto, além de doadores que conhecem o trabalho ali realizado. Fica o recado do Pr. Mozart: “Deixe o Espírito Santo usar sua vida, seus dons e seus recursos. Precisamos de ajuda financeira, sim. Mas precisamos de mais pessoas que se coloquem à disposição, porque há muito solo a ser preparado, a fim de produzir mais frutos.”

O trabalho ali executado é algo muito relevante para aquela comunidade e com um caráter evangelístico muito forte, afinal essas refeições são oferecidas no templo, no espaço onde se encontra a igreja, assim sendo a igreja se integrou e faz parte daquela comunidade de maneira essencial, onde elas passam a enxergar a igreja não apenas como um local de culto religioso, mais um local de abrigo, de socorro e de esperança para vidas que se encontram em um estado de profunda miséria, algumas daquelas pessoas mal têm roupas dignas para se apresentar na sociedade ou até mesmo em uma entrevista de emprego. Além disso a ONG oferece: Aulas de Capoeira, Jiu-jitsu, Muay Thai, Patins, Futebol, Balé e Artes. Apoio pedagógico com reforço escolar para crianças e adolescentes.

Em parceria firmada com a Secretaria de Direitos Humanos da Cidade de São Paulo, o instituto serve diariamente, de segunda à sábado, 450 refeições. E neste local eles podem encontrar todo este apoio para esta integração, e se sentirem homens e mulheres dignas, e podem através desta assistência que recebem ali, reconstruir uma história que lhe foi roubada pela desigualdade social vivida dentro do nosso sistema capitalista, e conhecerem o verdadeiro e único caminho que não está ligado a nenhum desses sistemas ou paradigmas criado pelos homens, ali essas pessoas tem acesso ao Reino de Deus, onde todos se servem de maneira mais igualitária, onde o pastor está servindo e sendo servido, assim como os demais que praticam tal feito. Algo que nos faz lembrar sobre as práticas da igreja primitiva, o que implica pensar como tais feitos foram esquecidos pelas práticas das igrejas e comunidades contemporâneas em suas rotinas diárias. Isso segundo Christopher J. H. Wright, significa que:

Viver o evangelho é, ao mesmo tempo, fazê-lo de modo que se esteja envolvido com o mundo trará, inevitavelmente, conflitos com o mundo. A esfera pública é a arena para esse confronto. A missão do povo de Deus envolve a entrada nesse confronto com olhos abertos, mente envolvida e com nossa armadura espiritual a postos. Devemos, portanto, estar envolvidos na esfera pública, no mercado local e global, mas devemos fazê-lo como *santos* no mercado. Somos chamados para ser santos, o que significa ser diferentes ou distintos (Wright, 2014, p. 282 - 283).

O que Wright está querendo dizer é que o confronto inevitável, se dá na postura radical dos cristãos diante das potestades hegemônicas, ou seja, a negação racional de decifrar as contradições do mundo sistêmico deve ser denunciada e isto é parte essencial da missão. Destaca-se as interrogativas do autor e sua forte evidencia da relação javista e sociedade humana em todos os níveis – político, econômico, social, legal e cultural.

Quem poderá contar as inúmeras maneiras com que os cristãos podem ser uma bênção para as nações? Que diferença isso faria no sentimento íntimo de envolvimento pessoal de cada cristão na missão do povo de Deus, se eles pudessem ver cada dia de trabalho regular e de envolvimento na sociedade como uma oportunidade para “ser uma bênção”, para “buscar o bem-estar da cidade” onde Deus os colocou? Quanto dano temos causado à missão de Deus, ao restringir a missão aos ministros de tempo integral e missionários remunerados? Tenho a impressão de que o evangelho que deve ser compartilhado pelos nossos lábios seria mais abundante e mais eficaz se fluísse de uma vida que está ressoando com a bênção do evangelho em todos os momentos corriqueiros do viver cristão cotidiano em meio ao mundo (Wright, 2014, p. 325).

Cumprir com a missão é tarefa da igreja, seu desafio é coletivo e comunitário. É uma ordem deixada por Jesus que deve ser obedecida em sua totalidade. A preocupação com a salvação integral dos perdidos é a razão da existência da igreja de Jesus Cristo. Com isso cada membro passa a ter uma responsabilidade e um compromisso de cumprir com a missão de fazer discípulos. A vida do discípulo é desafiada a viver em comunhão com Deus, seu caráter é desenvolvido à medida que se assemelha ao seu mestre, isto é, ser a manifestação humanitária na terra. Um bom discípulo será capaz de fazer mais seguidores, pois seu compromisso com a ordenança de Jesus é seu estilo de vida. Portanto, a missão do coração de Deus, é o ministério de todos os crentes e a missão de cada um. Não existe a possibilidade de abster-se dessa responsabilidade, pois, o cristão evidencia no decorrer da sua história, a eterna misericórdia de Deus ao mundo, mediante os padrões de ação da *Missio Dei*.

Em se tratando de missões, a ordem de Jesus é clara ao convocar cada discípulo para anunciar seu Evangelho por todo o mundo, pregando para todas as nações e promovendo seu reino entre todos os povos.

Sua convocação é baseada na promessa de sua presença constante.

É impossível fazer da missão uma realidade de vida sem a atuação do poder de Deus, através do Espírito Santo. O Espírito Santo é quem dá o direcionamento, motivação, e leva a igreja a cumprir seus propósitos missionários. Diante dessa missão, o papel do cristão no mundo de hoje é fundamental, e sua responsabilidade pesa sobre seus ombros. Nesse aspecto John Stott fez uma alusão em que

“Jesus fez mais do que traçar um paralelo vago entre sua missão e a missão do cristão. Precisa e deliberadamente, ele fez de sua missão um modelo para a nossa, dizendo: ‘assim como o Pai me enviou, eu também vos envio’ (STOTT, 2010, p. 27).

Portanto, conclui-se que a ideia abordada por Stott é que a missão é algo pessoal e diz respeito a todos aqueles que servem a Jesus.

Esta missão pessoal é uma parte da *Missio Dei*, representada pela multiplicação de discípulos. O termo discípulos foi muito usado por Jesus para identificar seus seguidores. Discípulo é um aluno ou seguidor, aquele que se submete aos ensinamentos de alguém, que trilha os mesmos caminhos, que usa as mesmas ideias do mestre. Ele procura conhecer, praticar e aplicar o mesmo modo de vida e a filosofia de vida do seu senhor. “Jesus chamou os doze discípulos e lhes deu poder e autoridade para expulsar todos os demônios e curar doenças. Então os enviou para anunciarem o Reino de Deus e curarem os doentes” (Lucas 9.1,2). O verdadeiro discípulo está interessado no aprendizado constante, está atento aos acontecimentos a sua volta, tendo seu mestre como modelo. Ele deseja ampliar seus conhecimentos e acima de tudo desenvolver seu caráter e sua mente. A missão é particular e um desafio para cada cristão que entendeu o sacrifício de Jesus na cruz e que acredita que “esse agir só pode ser salvador”. O “eu” está intimamente ligado a missão, como cooperador, participante e incansável, naquela que é a obra continuada de Deus, na “ideia urgente de que somos cooperadores de Deus”.

Aprendi que existe um abismo entre alguém comprometido com a obra missionária e alguém envolvido com ela. À primeira vista parecem palavras parecidas, porém seus significados são totalmente opostos.

Uma pessoa comprometida é alguém disposto a assumir um compromisso. Estar comprometido é fazer não apenas a sua parte, mas contribuir para que toda a equipe tenha um resultado positivo.

Já o envolvido, é alguém que aparenta fazer parte do grupo, porém é alguém que quando pressionado, mostra realmente quem é. A Bíblia apresenta os dois modelos de pessoas. Mas, ao pensar em alguém envolvido, logo emerge no pensamento a vida de Judas. Alguém que andou ao lado do seu mestre, teve todas as oportunidades para apresentar a mensagem da salvação, e vive-la na íntegra, contudo, seu coração não estava comprometido com o coração do mestre. Sua vida foi um desastre e seu fim é conhecido. Seu “simples” envolvimento lhe custou o Reino dos céus.

Considerações finais

Uma pergunta deve ser feita em nosso atual cenário: Quais são as mudanças atitudinais que levarão as instituições eclesiais a recuperarem a totalidade do evangelho?

Não basta estar apenas envolvido, é necessário sim, estar comprometido com a obra, a *Missio Dei*, de multiplicar discípulos. Mas ao fazer discípulos ajudo a igreja a desenvolver a sua missão e também comunico algo para a comunidade. O efeito vai além de mim e do corpo místico de Cristo. Todos recebem quando cada um realiza a sua missão!

O assistencialismo tem o seu valor, mas está muito longe de ser uma ação integral da igreja e beira um desencargo de consciência: foi entregue uma cesta básica a uma família que passava fome a dias e com isso a igreja cumpriu a sua tarefa social naquele ano. Agir desta forma é promover ajuda como a sociedade promove, sem transformação maior e sem o envolvimento efetivo.

Há ainda um outro desafio a ser encarado pela igreja: como relacionar evangelismo e ação social? Um equilíbrio entre ações práticas e a pregação sempre foi um dos grandes desafios da igreja.

Se a missão é a razão da existência de algo ou papel desempenhado por alguém, cada cristão tem uma razão de ser e um papel a desempenhar no meio em que está inserido, no entanto, o que se pode ver é um envolvimento muito aquém do esperado. Acreditar que fazer discípulos é função da igreja e obrigação do pastor, é se isentar de uma responsabilidade que é pessoal, deixando assim de compreender qual é o seu e meu papel no mundo.

Uma boa compreensão do que é ser igreja, faz-se necessário, para uma correta compreensão do papel do discípulo. As quatro paredes da igreja não são a igreja. As paredes da igreja não têm a capacidade de evangelizar, muito menos fazer discípulos, quem faz isso, são as pessoas! A responsabilidade é da criação. Essa imputabilidade está posta de maneira errada sobre os ombros da igreja ou da liderança, quando o olhar deveria se voltar para cada um, no exercício de sua responsabilidade pessoal e irrevogável.

Afirmar não ter parte na missão, é afirmar não ter parte no propósito de Deus. Declarar não ter nada a ver com isso é, afirmar um testemunho negativo do próprio Cristo. Pois, em Cristo, a igreja deverá dar testemunho de ser uma comunidade feliz, rica da alegria que nasce da fé. Feliz porque experimenta e anuncia a ternura do Senhor e vive a esperança, que não conhece resignação, indiferença, divisão.

A igreja foi e continua sendo chamada para ser a igreja de Jesus, que é você, sou eu, somos nós. Logo, a atuação do discípulo na atual sociedade exige mudanças no modo de pensar de todos. Estar atento aos sinais dos tempos, a ponto de mudar o olhar para uma realidade dura e muitas vezes insensível. Cada ato de amor fraterno significa o Reino de Deus acontecendo, a vontade de Deus sendo realizada, o mundo se tornando mais humano e cristão.

Assim, a missão da igreja se une ao chamado pessoal, pois, se existe uma “*Missio Dei*”, existe uma missão de cada um, onde a vida do discípulo é desafiada a viver em comunhão primeiramente com Deus, e com os demais irmãos, onde o seu caráter é desenvolvido à medida que se assemelha ao seu mestre. Um bom discípulo será capaz de fazer mais seguidores, pois seu compromisso com a ordenança de Jesus é seu estilo de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

GOHEEN, Michael W. **A Igreja Missional na Bíblia**: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

LAUSANNE. O Evangelho e a Cultura: Relatório de Willowbank. São Paulo: ABU Editora, 2007.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Trad. Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010. 160 p.

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2014

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão do Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

Luis Henrique de Queiroz Araújo

Obra de Referência: GOHEEN, Michael W. A Igreja Missional na Bíblia: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2015.

Um novo lugar para o evangelho e um novo papel para a igreja

Michael W. Goheen inicia seu texto com a lembrança da influência do cartesianismo para o ocidente. Ele explica o quanto isso afeta a mensagem do evangelho, já que “o evangelho não é acessível ao método científico.” (GOHEEN, p. 30). Essa mentalidade reduziu a igreja e a mensagem do evangelho à inferioridade no debate público.

A igreja pós-iluminismo passou a ser vista como um ajuntamento de pessoas que tiveram uma experiência de fé, apenas isso. Pode-se dizer que a igreja foi “jogada” para a periferia do diálogo. Tornando-se apenas algo que diz respeito a esfera espiritual. Inclusive as experiências religiosas foram tidas como algo individual, portanto, podendo ser relativizadas. Sem dúvidas, Goheen aborda temas delicados que a igreja sofreu e tem sofrido devido a cultura ocidental.

O autor levanta questões sobre como a igreja se submeteu a mentalidade humanista do ocidente e passou a interpretar a redenção de Deus somente no que diz ao relacionamento restabelecido com o homem e não com toda criação. A igreja aceitou passivamente toda influência externa da cultura iluminista e perdeu sua verdadeira essência que é participar da missão de Deus no mundo, a fim de restaurar a criação.

Goheen destaca o surgimento do Iluminismo no século XVIII e fala de seu objetivo na Europa, onde procurou guiar o mundo para uma renovação por meio da ciência e da tecnologia, assim como, procurou organizar a sociedade de forma racional.

O autor também explica que as forças por trás da cosmovisão ocidental são: a globalização, o pós-modernismo e o consumismo.

É neste contexto que a igreja está inserida, e sobre essa questão da igreja Michael Goheen, pontua: “Quando a igreja assume o papel designado a ela numa cultura de consumo e aceita ser moldada por essa história, ela se torna mera vendedora de bens e serviços religiosos.” (GOHEEN, p. 32). Ainda sobre o posicionamento da igreja, o autor dialoga com Sampson que diz: “O desafio para a igreja é assumir sua tarefa na reforma e na renovação da vida como um todo, em vez de se tornar mais um serviço de atendimento ao cliente isolado.” (SAMPSON, “Rise of Postmodernity”, 42).

Michael W. Goheen, trouxe, também, a questão imagética da igreja. Ele afirma que a igreja cumpre seu papel ao longo da história e a forma como ela atua determina sua identidade e, portanto, imagem no contexto em que está inserida. O autor elenca algumas imagens da igreja ocidental, que é influenciada pelo iluminismo e consumismo. A primeira imagem é da igreja vista como um shopping; segunda, a igreja é tida como centro comunitário; terceira, a igreja é entendida como uma empresa; quarta, a igreja pode ser vista, também, como teatro; quinta, a igreja é tida como sala de aula; sexta, muito compreendem a igreja como um hospital ou spa; sétima, a igreja ficou marcada como um seminário motivacional; oitava, a igreja é tida como assistente social; e, por fim, a igreja é vista somente como um amparo social. Fica evidente que nestes pontos há distorções sobre o papel bíblico da igreja, e para corrigir essas divergências, o autor discorre sobre o que, de fato, caracteriza uma igreja biblicamente missional. Ele diz:

“Quando Jesus sobe ao palco público da história, ele propaga as boas novas: ‘O reino de Deus chegou’. Sua mensagem diz respeito a renovação cósmica, à restauração de toda a criação e de toda vida humana e sociedade; ela não é o tipo de anúncio a ser relegado à seção religiosa do jornal, antes permanece sendo notícia mundial, matéria de primeira página, isto é, se formos fiéis à compreensão do evangelho como ele foi transmitido em seu contexto cultural original, e não na forma truncada como frequentemente é apresentado hoje.” (GOHEEN, p. 35)

Dito isso, fica evidente que a igreja age em prol de algo muito maior que fica só na esfera material ou espiritual. Jesus, como rei, não reivindica apenas uma ou outra esfera da criação. Como rei, ele quer toda criação e, portanto, transformá-la por completo, para que aconteça como está em Filipenses 2.1011: “[...] ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.” Para Goheen, a igreja deveria voltar à suas origens, procurar identificar qual foi a missão de Jesus na terra e o que ele designou para seus seguidores. A primeira solução para que a igreja não ficar acorrentada nos vieses iluministas e consumistas de nosso tempo, é ela voltar-se para o Nazareno e procurar nele a direção a ser seguida.

Para finalizar, Goheen lista ao menos cinco pontos onde a igreja pode nortear-se para que a pregação do evangelho seja relevante e transformadora. Em primeiro lugar, os ouvintes do evangelho precisam entender que a história da criação é uma história, também, de redenção; em segundo lugar, é necessário que seja inculcado que Deus quer restaurar toda criação e não apenas a humanidade; em terceiro lugar, o reino de Deus já está presente, portanto, Deus já está agindo para que tudo seja redimido e renovado; em quarto lugar, é preciso ter consciência de que o povo do reino, é um povo eleito, lavado e redimido pelo sangue de Jesus Cristo, este povo compõe a igreja que é convocada para participar da missão de Deus no mundo; por fim, em quinto lugar, a história é progressiva, desde a queda a história da redenção tem sido escrita e vivenciada pelo povo de Deus.

Diante do exposto, fica claro que Michael W. Goheen foi certo em sua análise histórica e contextual da igreja ocidental. A leitura foi edificante, relevante e provocativa, com toda certeza recomendaria para outras pessoas. Num modo geral, o entendimento de que precisamos voltar às origens dos ensinamentos de Jesus Cristo foi o que mais me instigou e levou a reflexão de que não podemos nos perder no tempo, mas estar focado na missão dada por Jesus Cristo a sua igreja.

Luis Henrique de Queiroz Araújo

Obra de Referência – KELLER, Timothy. Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

A busca pela igreja missional

Para tratar a questão da igreja missional, Keller começa relatando como o termo ganhou notoriedade no meio cristão, ele afirma que, líderes evangélicos, influenciados pelo livro Igreja Missional, procuraram aplicar a teologia proposta na literatura em suas igrejas e estilo de vida. O termo missional ganhou correlação com a expressão latina *Missio Dei*, e na Alemanha ficou definido como a ação de Deus para restaurar a criação e a convocação da igreja para participar desta missão. Keller procura estar em constante diálogo com David Bosch e Newbigin, e já de início traz a relação entre a Trindade e a missão de Deus, ele diz: “A Trindade é, por natureza ‘enviadora’. O Pai envia o Filho para salvar o mundo; o Pai e o Filho enviam o Espírito ao mundo. E agora, o Espírito envia a igreja.” (Keller, p. 297).

Sabemos que a teologia é dinâmica, e com o passar do tempo, a igreja foi perdendo sua relevância no que diz respeito ao diálogo envolvendo questões da sociedade em que ela está inserida; e sua falta de relevância também surge com passividade em relação a influência do pensamento moderno ocidental. Então surge Lesslie Newbigin para repensar a teologia da missão; Keller coloca-o como um crítico da igreja ocidental. Segundo o autor, Newbigin acreditava que a igreja estava vivendo uma forte secularização e influência da cultura ocidental, algo que certamente não estava agregando em nada na missão de Deus no mundo.

A perspectiva do missionário era que a redenção evidenciava a ação de Deus em Cristo, e não uma redenção que viesava a luta do oprimido contra o opressor ao longo da história. Segundo Newbiggin com esse tipo de pensamento cairíamos no materialismo histórico marxista, o que não é o propósito da mensagem cristã.

O assunto vital para ele era que na cruz Cristo tornou-se Senhor sob todas as coisas e essa deveria ser a mensagem da igreja.

Segundo o autor, Bosch expande o assunto e discorre sobre a ação de Deus no mundo. Há pelo menos dois pontos importantes para proclamar o reino universal de Deus, segundo o autor assim diz Bosch:

“Em primeiro lugar, temos que evitar dois erros opostos: 1) tentar recriar uma sociedade cristã (o erro da cristandade ocidental) e 2) afastar-nos da sociedade para dentro do “reino espiritual” (o erro da modernidade). Em segundo lugar, temos de aprender a desafiar pública e profeticamente o ídolo da razão autônoma, bem como suas consequências. Em terceiro lugar, temos de nos esforçar para que nossas igrejas sejam sociedades contrastantes, ou seja, contraculturas que mostrem como é a vida humana livre dos ídolos da raça, da riqueza, do sexo, do poder e da autonomia do indivíduo.” (KELLER, p. 301).

Bosch acreditava que somente assim a igreja conseguiria comunicar a mensagem cristã de forma relevante em sua cultura, sem que seja influenciada por ela. Um ponto importante a ser mencionado é que a igreja deve evitar os extremos, do sincretismo e da irrelevância. Keller afirma que os escritos de Newbiggin e Bosch trouxeram novas perspectivas sobre a Missio Dei na década de 1990, contribuindo para a construção de uma teologia missionária coerente com Jesus.

Ainda tratando sobre o termo missio Dei e igreja missional, Keller cita quatro definições sobre ser missional, essas definições derivam do livro de Craig Van Gelder e Dwight Zscheile, assim temos: 1) Ser missional é ser evangelístico. Trata-se de evangelização e missões internacionais; 2) Ser missional é ser encarnacional. Implica no envolvimento profundo de famílias cristãs na vida civil, procurando melhorar a qualidade de vida das pessoas;

3) Ser missional é ser contextual. As práticas cristãs precisam estar alinhadas ao contexto cultural em que o cristão está inserido; 4) Ser missional é ser recíproco e comunal. A igreja deve estar atenta ao que Deus está fazendo no mundo, restaurando e transformando a criação.

O autor traz algumas considerações importantes sobre essas questões levantadas. Em primeiro lugar, ele assume que, de fato, estamos numa era pós-cristã, isso implica dizer que a igreja perdeu sua condição de privilégio e passou a ocupar zonas periféricas do diálogo, perdendo voz na sociedade. Em segundo lugar ele pontua que a igreja está sob um cativeiro cultural, e para que ela consiga dialogar com a sociedade em que está inserida, é essencial que ela contextualize sua mensagem, afim que de fato, faça sentido e promova uma mudança de realidade na cultura. Em terceiro lugar, Keller reafirma que os cristãos foram convocados para espalhar bençãos sobre a terra, esta é a missão do cristão. O teólogo entende que a igreja como agência missionária, deve proporcionar aos seus membros treinamentos missionários que ao sair pelas portas do templo, irão ser benção na cidade. Em quarto lugar, é frisado que da mesma forma que chamamos pessoas à conversão, também devemos nos engajar, como agentes do Reino, nas questões sociais e na luta por justiça.

O autor finaliza o capítulo alegando que: “A maioria dos pensadores missionais concorda que o testemunho dos cristãos tem de ser em palavras e gestos.” (Keller, p. 308). Essa atitude missional será possível somente quando os seguidores de Jesus Cristo aprenderem a amar sua cidade. Keller diz: “A igreja missional gosta de sua cidade, cuida dela e ora por ela.” (Keller, p. 308). Essa ação missional, só será possível a partir do entendimento da igreja sobre a missão de Deus no mundo e as uniões denominacionais, para o autor as rivalidades que há entre igrejas são inúteis para a missão de Deus na terra, a proposta é que haja unidade, cooperação; para que assim, o reino possa avançar e progressivamente a criação ser restaurada.

Sem dúvidas o texto de Keller nos ajuda a refletir a missão da igreja no mundo. Muitos questionam: Qual a utilidade da igreja para a sociedade? E neste diálogo de Keller com Bosch e Newbingin, fica evidente que a igreja tem muito a contribuir e é necessário que cada cristão tenha consciência de que assumir a fé em Cristo é se disponibilizar para a missão de Deus no mundo.

Com toda certeza recomendaria a leitura, justamente pelas boas colocações sobre a *Missio Dei* e sobre o envolvimento da igreja no local em que está inserida. Uma colocação precisa e interessante do autor frisa esse ponto, onde ele afirma: “A igreja missional gosta de sua cidade, cuida dela e ora por ela.” (Keller, p. 308). A igreja, portanto, não pode tapar os olhos para o que vem acontecendo fora de seus muros, pelo contrário, sua missão é estar envolvida na realidade social que a cerca.

VOZES DO CAMPO



O IMPACTO TRANSFORMADOR DO CLUBE BÍBLICO DE ADOLESCENTES EM CRACÓVIA

Oleksandr Nezamutdinov

O Clube Bíblico de Adolescentes, localizado em Cracóvia, tem vivenciado um período de intensa atividade e transformação espiritual. Neste período, as atividades do clube foram marcadas por eventos que não só fortaleceram os laços entre os adolescentes, mas também proporcionaram profundas reflexões sobre fé e comunidade.

A tradicional noite de jogos coincidiu com um piquenique da igreja, que começou com momentos de socialização e lanches, mas terminou de forma inesperada com a evacuação dos adolescentes devido a uma forte chuva torrencial. Esse evento, que poderia ter sido apenas um contratempo, se transformou em uma oportunidade de unir ainda mais os jovens em torno de uma experiência compartilhada. Em meio a essa agitação, o clube também celebrou a formatura e o sucesso nos exames de cinco adolescentes. A celebração, marcada pela presença dos amigos do clube, foi um momento de alegria e reconhecimento das conquistas acadêmicas, reforçando o espírito de amizade que caracteriza o grupo.

Outro destaque do clube bíblico foi a exibição conjunta da final do “Festival Eurovisão da Canção”. As apresentações controversas do evento provocaram uma discussão rica e envolvente entre os adolescentes, analisando criticamente o que foi visto. Essas conversas continuaram a ecoar nas reuniões seguintes, demonstrando o poder da mídia e da cultura pop como gatilhos para discussões significativas sobre valores e crenças.

Além das reuniões regulares, o clube bíblico se destacou pela participação em uma feira de caridade da igreja. Este evento não só demonstrou o compromisso dos adolescentes com o serviço comunitário, mas também serviu como uma preparação para os projetos de verão. A chegada da primavera, apesar dos desafios climáticos, trouxe renovado entusiasmo para o planejamento dos projetos de verão. Durante as reuniões de planejamento, os adolescentes exploraram o poder da Palavra de Deus e Seu amor, discutiram a possibilidade de cumprir os mandamentos divinos a partir da leitura do Decálogo em Êxodo, e tiveram a oportunidade de refletir sobre a graça de Deus e o papel de Cristo.

O clube bíblico tem sido um espaço de acolhimento e confiança, onde os adolescentes não apenas se divertem, mas também crescem em sua fé e compreensão de Deus. A atmosfera familiar e a abordagem inclusiva têm facilitado a aproximação gradual com os pais dos adolescentes, ampliando o alcance e o impacto do ministério.

O trabalho do clube bíblico também se estendeu além das fronteiras de Cracóvia, quando o ministério ajudou remotamente na aquisição de um uniforme de inverno e de um dispositivo de visão noturna para apoiar os esforços de socorro na Ucrânia. A feira de caridade arrecadou 2.470 zloty, e foi um exemplo poderoso do que a comunidade, unida em propósito, pode alcançar.

O Clube Bíblico continua a ser uma força transformadora na vida dos adolescentes de Cracóvia, proporcionando-lhes um ambiente seguro para explorar sua fé, desenvolver amizades duradouras e servir aos necessitados. Este relato não é apenas uma celebração das conquistas do passado, mas um convite para continuarmos orando e apoiando este ministério que tem sido um sinal vivo do amor e da graça de Deus na vida de muitos.

TRANSFORMAÇÕES DE VIDAS ATRAVÉS DE UM PROJETO DE NUTRIÇÃO NO NÍGER

Gerard Michel Tokpo

No contexto do Projeto de Nutrição no Níger, testemunhamos o poder transformador do amor de Cristo nas vidas daqueles que tocamos. Um exemplo notável é o caso de Rahinatou, uma menina que nasceu sem os membros superiores. Ela está sob os cuidados do nosso projeto de nutrição, recebendo todo o suporte necessário para seu crescimento saudável.

Nossa esperança é vê-la crescer em Cristo, e ela continua sendo um lembrete constante da importância de oferecermos nossos corações puros a Jesus.

Além do cuidado com Rahinatou, o projeto tem sido um canal de transformação espiritual, especialmente entre a comunidade muçulmana. Recentemente, três muçulmanos, incluindo um imã chamado Ibrahim, de aproximadamente 60 anos, se converteram. Ibrahim conheceu o evangelho através da venda de pão em Kirtachi. Outro convertido é Hamidou, um taxista da mesma idade. Esses homens, juntamente com alguns jovens, encontraram em Cristo uma nova esperança, e suas conversões têm sido um poderoso testemunho do mover de Deus em suas vidas.

A alegria que vemos nos rostos dessas pessoas é um reflexo da mão do Senhor agindo poderosamente, e que está conduzindo nossas ações missionárias ao sucesso.

O Projeto de Nutrição no Níger não apenas proporciona nutrição física, mas também alimenta as almas com a palavra de Deus, levando alegria e esperança às crianças de Kirtachi e Niamey.

As mulheres de Niamey também têm participado ativamente deste projeto, contribuindo para a sua expansão e impacto. Através dessas ações, sentimos a presença e o apoio de Deus, que nos fortalece para continuar essa missão.

Este relato de experiência é uma celebração da graça e do amor de Deus que têm se manifestado através de nossas iniciativas, trazendo alegria e transformação para as comunidades atendidas pelo Projeto de Nutrição no Níger. Que possamos continuar a ver a mão do Senhor agindo poderosamente em cada uma dessas vidas.

FRUTOS DE FÉ NO PROJETO "QUERO VIVER" NO PERU

Victor Alberto Tovar Castillo

Iniciamos um novo módulo de capacitação intitulado "Celebrando a Recuperação". Esta fase tem gerado muitos frutos, especialmente durante a campanha missionária em Arequipa, onde visitamos várias igrejas da região, fortalecendo a comunidade e promovendo a mensagem do evangelho.

O grupo "Celebrando a Recuperação", que inclui ex-internos, também começou a dar frutos significativos. Um dos destaques é a decisão de fé do nosso irmão Milton, que além de ex-interno, é membro da Polícia Nacional. Essa transformação é um poderoso testemunho de como a fé pode transformar vidas e profissões.

Além disso, o trabalho com nossos pacientes tem dado resultados surpreendentes. Três pessoas fizeram a profissão de fé e agora são nossos irmãos em Cristo. Essas conversões são um reflexo direto do impacto positivo do projeto e do poder da mensagem de Cristo.

Realizamos uma campanha evangelística voltada para os internos e seus familiares no âmbito do projeto "Quero Viver". Um momento especial dessa jornada foi a despedida emocionante de um interno, que concluiu seu tempo de reabilitação. A igreja se reuniu para louvar a Deus pela vida desse irmão, celebrando sua recuperação e o início de uma nova etapa.

Outro momento marcante foi o aniversário do Projeto "Quero Viver", uma grande oportunidade para testemunhar o impacto do trabalho realizado. A celebração do Dia das Mães dentro do projeto também foi um momento de muita alegria e gratidão, onde pudemos honrar as mães e reforçar os laços familiares, que são tão importantes no processo de recuperação.

O Projeto "Quero Viver" é uma iniciativa dedicada a levar as boas novas de libertação e salvação às pessoas e famílias que sofrem os efeitos devastadores da dependência de substâncias psicoativas, como o alcoolismo, a toxicomania, a ludopatia e outras. Oferecemos atenção especializada em aspectos espirituais, sociais, psicológicos e fisiológicos, buscando contribuir para a sociedade em geral, por meio de assessoria e investigações que previnam o consumo de drogas.

O uso e abuso de substâncias que causam dependência é um fenômeno complexo com consequências nefastas para a vida espiritual, a saúde individual, a integração familiar, o desenvolvimento e a estabilidade social. Em muitos casos, as famílias e o ambiente imediato dos dependentes se veem desprovidos de esperança, recorrendo desesperadamente a diversos tipos e formas de cuidados, como feitiçaria, assistência psiquiátrica e tratamentos físicos, entre outros.

No entanto, a maioria dos centros de reabilitação ou comunidades terapêuticas são administrados por ex-viciados ou por pessoas inexperientes no campo, cujo objetivo muitas vezes é o lucro às custas do desespero da família e da comunidade. O vício é uma doença e um comportamento aditivo e pecaminoso, e é por isso que o tratamento deve ser profissional, multifacetado e baseado em fé.

FRUTOS DE FÉ NO PROJETO "QUERO VIVER" NO PERU

No Centro de Reabilitação "Quero Viver", fundamentamos nosso trabalho na fé em nosso Senhor Jesus Cristo, com o suporte de psicólogos qualificados, médicos cristãos que entendem o problema, e o ensino de valores que levam à escolha de uma vida cristã. Além disso, contamos com o apoio de conselheiros capacitados que auxiliam na reabilitação, proporcionando a expectativa de triunfo sobre o vício e a transformação do comportamento dos dependentes.

Nossa capacitação especializada não se limita aos colaboradores, mas também se estende às igrejas da comunidade, preparando-as para o voluntariado e para a busca de recursos econômicos necessários para a capacitação e infraestrutura do projeto.

Este relato celebra a transformação de vidas por meio da fé em Cristo e a importância de iniciativas como o Projeto "Quero Viver", que não apenas oferece uma nova chance de vida, mas também conduz pessoas ao encontro com Deus. Que continuemos a ver muitos frutos de fé e recuperação em nossa caminhada.

